



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

LAÍS OLIVEIRA LOPES

**MAIS RÁPIDO, MAIS ALTO, MAIS FORTE:
O CONTO DA HEROÍNA QUE NÃO FOI CONTADO**

Salvador
2018.1

LAÍS OLIVEIRA LOPES

**MAIS RÁPIDO, MAIS ALTO, MAIS FORTE:
O CONTO DA HEROÍNA QUE NÃO FOI CONTADO**

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla de Araújo Risso

Salvador
2018.1

BANCA EXAMINADORA

Carla de Araújo Risso

José Roberto Severino

Sérgio Sobreira

AGRADECIMENTOS

Eu certamente não cheguei até aqui por minhas meras forças. Em todo esse percurso, permeado por dúvidas, desistências e recomeços, sei que Deus esteve comigo. A Ele, minha gratidão e sempre o que houver de melhor em mim! Aos meus pais que me ensinaram a ter ousadia para enfrentar as dificuldades da vida, que se negaram por mim e me fizeram ser quem eu sou hoje. Raimundo e Rita, meus grandes mestres! Obrigada por tudo.

A minha irmã e primeira amiga na vida, que acredita em mim mais do que eu mesma. Me defende, me inspira e segurou na minha mão em todos esses anos de graduação. Laina, minha caçula. Aos meus amigos que tornaram a caminhada mais leve e me encorajaram a não desistir, mesmo quando a caminhada acadêmica se tornou exaustiva. Em especial, meu amado grupo, intitulado criativamente de 'Os Normais'. Luciana Souza, Luciano Marins, Jéssica Lima, Lizandra Santana, Jéssica Ribeiro e Renato Almeida, vocês são incríveis e eu certamente precisaria de uma monografia para descrever e agradecer tudo o que foram e são para mim. Me tornei bem melhor depois de vocês!

A Thaís Santos, também ilustradora deste produto. Thaís a sua simplicidade e vontade de ajudar o próximo me encantam. Obrigada por aceitar embarcar nesse projeto comigo, obrigada pelas noites perdidas em que se dedicou a dar o seu melhor para que tudo ficasse como o planejado. Que seja o primeiro de muitos livros meus ilustrados por você. A instância Agência Experimental em Comunicação e Cultura (AECC/FACOM) por todo aprendizado e amor que me fizeram desenvolver pela área que escolhi. Agradeço também a Agência Factor Comunicação por aguçar ainda mais a minha paixão por escrever e me ensinarem que é possível amar o que faz.

A Thaís Souza, atleta, amiga, que me emprestou um pouco da sua história de garra e determinação no esporte para que esse livro fosse possível. Kina, meu muito obrigada! A sua vida me inspira e o pódio sempre será o seu lugar. A Carla, minha orientadora paciente e criativa, que acreditou no meu produto desde o início e me deu todo o amparo para que eu conseguisse o desenvolver da melhor forma. Carla, muito obrigada por sua sensibilidade e direção durante a execução desse produto. Com certeza o caminho foi muito mais prazeroso porque você esteve sempre ali me apoiando.

Por fim, agradeço a todas as crianças do Ministério Infantil da IBMI, que me fizeram descobrir o amor mais sincero que existe. Minhas meninas tão amadas e que me inspiraram a escrever tudo isso, espero que essa semente gere frutos!

"Da leitura provém alguma coisa sobre a qual não consigo ter poder. Eu poderia lhe dizer que esse é o limite que a mais onipresente das polícias não consegue em absoluto transpor. Podemos impedir que se leia; mas, no decreto mesmo que proíbe a leitura, é possível ler alguma coisa dessa verdade que quiséramos não fosse jamais lida..."

- Calvino

RESUMO

Este memorial apresenta e detalha as etapas de produção do livro *Mais rápido, mais alto, mais forte: o conto da heroína que não foi contado*. O livro é inspirado na história de vida da atleta baiana de natação Thaís Souza de Jesus e sua relação de amor e superação através do esporte. O objetivo é retratar através da ludicidade os desafios diários da personagem para o público feminino infantil, fugindo da proposta convencional destinada às meninas dentro da Literatura Infantil Brasileira.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Livro Infantil, Esporte, Literatura para Meninas

ÍNDICE

1. Introdução.....	7
2. Fundamentação Teórica.....	13
2.1. Construção da ideia de infância: o que era e o que é ser criança?.....	13
2.2. O Lúdico na Infância: o livro infantil como principal mediador.....	19
2.3. Produção Literária Infantil: primeiros passos.....	22
2.3.1. O Cenário Brasileiro.....	25
2.3.2. Monteiro Lobato e a criança como primeira pessoa na Literatura Infantil.....	29
2.4. Quando a imagem vale mais que mil parágrafos.....	32
2.5. Literatura para meninas: toda menina tem que ser princesa?.....	34
3. O Produto.....	39
3.1. Construção da ideia livro infantil.....	39
3.2. Escolha da Personagem.....	43
3.3. O Conceito Visual.....	45
4. Considerações Finais.....	47
5. Referência Bibliográfica.....	50
6. Anexo.....	52

1. Introdução

A escolha por trabalhar a história de uma atleta mulher no livro não foi realizada de forma aleatória. Como mulher, sei do esforço triplo que precisamos fazer para que a sociedade reconheça o nosso potencial e nos dê espaço. Seja no ambiente familiar, empresarial ou no esporte, em toda a história a mulher sempre precisou reinventar maneiras de driblar o machismo enraizado em todas as esferas da sociedade. No passado, limitada a representar um papel de mãe e esposa, sempre a sombra do marido, hoje, as mulheres lutam na linha de frente para que esse capítulo negativo da história não retroceda.

E como diz o antigo ditado, tão repercutido por gerações: “É de pequeno que se aprende”, percebi que fazia muito mais sentido escrever para as pequenas mulheres, que agora são crianças, mas que muito em breve receberão o bastão para seguir na luta.

A escolha pelo esporte é, justamente, por ser uma das áreas sempre dominadas pela figura masculina e com raras repercussões sobre as histórias das mulheres. As meninas precisam se enxergar como campeãs, heroínas, executivas, empreendedoras, e não apenas limitadas à história de princesas na torre à espera de um guerreiro ‘forte e valente’ que venha lhe tirar da monotonia.

Por isso, o “Mais alto, mais rápido e mais forte: o conto da heroína que não foi contado” traz como cenário o esporte e no seu roteiro uma história de vivência de uma jovem atleta da natação baiana. Poderia ser futebol? Poderia! Poderia ser no Karatê? Poderia! Até porque nós podemos e estamos em tudo. Mas a admiração pela paixão contida nesta atleta pela piscina foi escolhida nesse momento para dar vida à primeira edição do livro infantil. A possibilidade de poder inspirar outras meninas a acreditarem que podem alcançar o lugar mais alto do pódio é também um motivador da escolha.

Ao pesquisar sobre a inserção da mulher no esporte, não é difícil perceber que a mesma aconteceu de forma lenta e sempre cercada de preconceitos e limitações. A ideia de que não cabia a sua figura praticar esportes, ser uma atleta então, era algo inimaginável. Atrelado a isso, vinha a ideia de que a prática do esporte tornava o corpo da mulher “masculinizado”, já que o ideal de feminilidade sempre foi carregado de estereótipos, cabia então às mulheres o esforço para alcançá-la.

Dessa maneira, a restrição da mulher no esporte atravessou décadas de preconceito e falta de referências femininas. Desde a Grécia Antiga, havia a proibição até mesmo de que

frequentassem os ginásios para assistir às competições, devido aos jogos serem realizados com os atletas completamente nus. A poucos dias assistimos a conquista das mulheres iranianas em poder assistir a partida de futebol da sua seleção durante os jogos da copa de 2018 na Rússia. Fato que chamou a atenção internacionalmente, pois o Irã ainda se mantém irreduzível na visão machista que priva os direitos das mulheres.

Ainda assim, a história revela muitas mulheres que são apontadas como precursoras da luta pela participação e visibilidade feminina no esporte. Entre elas estão Stamathi Revithi, que no ano de 1896 confrontou a sociedade machista da época, realizando do lado de fora do estádio o mesmo percurso da prova de maratona da competição e em tempo mais hábil que muitos homens. Porém, apesar do seu feito notável, não foi reconhecida. Apesar disso, Stamathi é símbolo da luta constante das mulheres para conquista dos seus direitos em todas as esferas da sociedade.

Além dela, há inúmeros nomes que exalam coragem e inspiraram gerações de mulheres atletas a não desistirem do esporte. Décadas a frente, em 1900 a tenista Charlotte Cooper já experimentaria a possibilidade de participação da mulher em uma Olimpíada. Charlotte foi a primeira mulher a conquistar um ouro olímpico através do tênis. Na época, esporte permitido, juntamente com o golfe, para a prática feminina. Um fato curioso dessa época é que mesmo conquistando os lugares mais altos do pódio, as atletas ainda eram consideradas uma classe à parte das competições.

Mas em 1936 o percurso da mulher no esporte ganha uma nova conquista através da Alice Melliât, fundadora da Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI), que contribuiu para que o COI (Comitê Olímpico Internacional) reconhecesse as mulheres como atletas olímpicas durante os jogos de Berlim. Alice Melliât era francesa e teve uma participação ativa em organização de jogos olímpicos femininos e na busca pelo reconhecimento dos records conquistados por mulheres durante competições.

No cenário brasileiro, as coisas não eram muito diferentes no século XIX, sem apoio da família e poder aquisitivo, era praticamente impossível que as mulheres ocupassem tais lugares. Maria Lenk se tornaria a primeira atleta sul-americana a participar de uma Olimpíada com apenas 17 anos de idade. A nadadora tornou-se um marco não apenas na modalidade de natação, mas como símbolo de avanço do esporte nacional, mesmo não tendo conquistado o pódio. Pelo seu feito, Maria é considerada a principal nadadora da história brasileira. Não é difícil imaginar o ambiente hostil que encontrou na época e como foi difícil enfrentar os comentários e olhares duvidosos sobre o seu talento e competência.

Vindo para as décadas mais recentes, temos uma lista incrível de mulheres que seguiram e ainda seguem enfrentando o machismo e preconceitos de todos os lados. A resposta delas a todas as tentativas de retrocesso são as conquistas em cada competição e a insistência no esporte, mesmo quando no Brasil a estrela escolhida para brilhar é apenas o futebol. Curioso que a melhor jogadora do mundo, eleita por cinco vezes consecutivas pela FIFA seja, justamente, uma mulher e nordestina. Marta Vieira da Silva, camisa 10 da seleção feminina de futebol e que vem inspirando meninas por todos esses anos.

Mesmo com tantas conquistas e tendo técnica superior a de muitos homens que se tornaram “heróis” dentro do esporte, Marta e diversas jogadoras com competência semelhante, não experimentam o mesmo prestígio da mídia e a briga constante das grandes marcas para patrocínio do futebol feminino, assim como acontece no masculino. O que justificaria essa discrepância então? Fica ainda mais claro que assim como em outras profissões, nas quais as mulheres ocupam os mesmos cargos que outros homens, mas ganham de forma inferior, a questão principal é bem clara: o ser mulher.

Como se não bastasse a questão sexista, o preconceito racial ainda contribui para que a discriminação torne-se ainda mais violenta contra a mulher. Foi o que aconteceu com a atleta carioca de judô, Rafaela Silva, eliminada da Olimpíada de 2012, quando quase desistiu do esporte após ser bombardeada de comentários racistas na internet. Quatro anos depois, nos jogos olímpicos sediado no Rio de Janeiro, Rafaela sobe ao lugar mais alto do pódio, conquistando a tão sonhada medalha de ouro. Em um ginásio próximo a comunidade onde nasceu e foi descoberta no esporte através de um projeto social.

Histórias como estas são pouco são ressaltadas e investigadas pela mídia, além disso, revelam um outro lado que precisa ser levado em consideração. Em uma sociedade de desigualdades e poucos privilegiados como a brasileira, nunca foi suficiente apenas driblar o preconceito de gênero para se destacar no esporte, a questão social sempre esteve estritamente ligada a esse fato. É o que também identifica Ludmila Mourão em sua tese:

Observa-se que as mulheres que tinham acesso a essa prática, considerada reserva masculina, eram aquelas que pertenciam à elite. As atividades físico-desportivas se tornavam possíveis sobretudo com apoio e influência da família, e normalmente eram restritas ao espaço privado.” (MOURÃO, 2000, p. 06)

O que nos permite relacionar rapidamente com a realidade dos tempos atuais. Apesar de haver um maior número de trabalhos sociais e maior divulgação do esporte, seja em programas televisivos ou eventos pontuais. A realidade é que o caminho continua sendo mais curto para a elite ter acesso à prática esportiva do que para os de classe social com menor

poder aquisitivo. Sendo assim, quando uma atleta consegue romper esse muro de desigualdade e luta por patrocínios até chegar ao pódio, não importa a cor da medalha, a sua superação já a torna grande.

Grande referência para aqueles que assistem, leem ou escutam suas histórias. É como se a vitória do outro dissesse: você também pode! E é exatamente isso que as histórias dessas mulheres vêm fazendo ao longo das décadas, abrindo caminho para que outras possam se inspirar. Por esse motivo, torna-se necessário exaltar mulheres que se destacam nas inúmeras áreas da sociedade, principalmente quando essas são dominadas por homens. É uma forma de manter viva nas futuras gerações a coragem para romper com as barreiras do preconceito.

Sendo estas construídas ao longo da nossa história, quando às mulheres cabia apenas espaços como igrejas, salões e mercados. Toda vez que uma delas questionava esse lugar que a sociedade a colocava, passando a conhecer mais das suas potencialidades e assumindo o controle dos seus gostos, um processo de desconstrução e autonomia se iniciava. Tornava-se então, inevitável a sua invasão a espaços antes dominados pela figura masculina e a sua libertação pessoal.

No esporte, esse processo pode ser diretamente ligado à conquista por sua autonomia. Já que em uma sociedade machista e cheia de mitos em torno do corpo da mulher, vencer os pensamentos que lhe eram impostos e iniciar a sua vivência no esporte era um avanço e tanto. Principalmente porque, muito raramente as mulheres tinham lugar de fala e decisão, até sobre como poderiam se comportar. Decidir buscar a sua realização, por conta própria, no esporte era contribuir com mais um capítulo pela luta em busca da conquista por mais espaços ocupados pelas mulheres:

É que o processo de inserção e crescente participação da mulher em atividades físico-desportivas sugere um certo grau de autonomia, ou seja, uma movimentação autônoma da mulher que se inseria nessa prática. Ela não estava a serviço da pátria ou da humanidade, e sim a serviço de suas vontades e desejos. (MOURÃO, 2000. pág. 04)

Buscar a realização dos seus próprios desejos quando se é mulher, por si só, sempre foi um ato revolucionário. E como todo ato revolucionário tende a conduzir a libertação, assim veio caminhando a mulher no esporte. Mesmo quando a mídia insistia em seu papel errôneo de subjugar o poder do corpo feminino, vendendo a mulher uma imagem de “sexo frágil”, ainda assim superaram. A crença de que o seu corpo tinha um único fim ligado a reprodução, fazia com que a ideia de exercitá-lo soasse como uma agressão a sua feminilidade:

A preocupação com o progresso levava as pessoas a representarem a maternidade como a função de maior importância para a evolução. Para a mulher, por ter que investir

sua energia nas necessidades de reprodução, qualquer esforço extra empregado em atividade física vigorosa ou intelectual, resultaria em fraqueza, doença, infertilidade ou danos às futuras gerações. (Mourão, 2000. p. 07)

Pensamentos como esses estavam impregnados em nossa sociedade até os meados do século XIX, quando apesar de já haver a presença da mulher no esporte, acontecia de forma bem mais contida. Foi no início do século XX que as mulheres experimentaram com maior força a participação em jogos esportivos e passaram a disputar esse espaço com maior frequência e também com uma dose a mais de visibilidade. Claro que ainda uma visibilidade morna, já que a presença masculina sempre estava a ocupar os principais cargos nos setores esportivos.

Realidade que segue até os dias de hoje, quando a maioria esmagadora dos técnicos, mesmo que de seleções femininas, são homens. Analisar esse cenário e questioná-lo é preciso, visto que a presença de mulheres nos altos cargos esportivos traria um novo olhar sobre as condições necessárias para a sua maior visibilidade. Além disso, ninguém melhor do que a própria mulher para opinar sobre melhorias e novas medidas de política esportiva para o incentivo da prática:

Vale lembrar que nem sempre foram - e algumas vezes ainda não são - iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, no campo das práticas corporais e esportivas, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras. Ou seja, ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão, administração. "(GOELLNER, 2004)

Conferir a história e perceber como ao longo dela a mulher conseguiu se autoprotger e criar mecanismos para usufruir dos seus direitos enquanto pessoa. Só confirma a importância de que seja estimulado desde a infância o interesse por conhecer nossas lutas e apresentar para as meninas possibilidades que fujam do óbvio, muitas vezes oferecido por discursos e pensamentos conservadores. Somente assim é possível munir essas meninas em seu desenvolvimento enquanto mulher, de armas de combate contra os resquícios desse cenário histórico.

Apesar de hoje em dia percebemos mudanças, levantar essas questões se tornam necessárias para que a sujeira do preconceito, que insiste em ser jogada para debaixo do tapete, apareça e seja limpa por completo. Voltar à história é um exercício necessário e constante para impedir que a opressão volte a ser imposta gradativamente mais uma vez.

O esporte é só uma fatia desse imenso cenário de desigualdade, no qual a figura feminina precisa lutar todos os dias para conquistar seu espaço. É uma história constante de Martas, Aídas, Daianes dos Santos e Rafaelas Silva, que não desistem diante da tentativa constante de uma sociedade que se revela, na maioria das vezes machista, racista e sexista. Alcançar o pódio é ter coragem para acordar no dia seguinte e continuar lutando pelo que se acredita, mesmo quando os olhares e palavras tentam lhe diminuir e reprimir.

Toda essa inquietação contribuiu diretamente para escolha do Trabalho de Conclusão de Curso ser um livro e o seu público infantil. Queria trabalhar uma temática diferente e que pudesse contribuir para as discussões posteriores e inspirar outros alunos a produção de mais materiais com foco na infância. Nossas produções não podem se limitar a periódicos que visam apenas à classe acadêmica. Precisamos pensar e produzir para a sociedade, contribuindo para as discussões sociais.

O objetivo geral do projeto é contribuir para a visibilidade da atleta baiana, estimulando que a sua história seja registrada em mais trabalhos acadêmicos. Além de incentivar no público infantil o interesse pelo esporte e leitura. Dessa forma, inicio fazendo uma análise da construção do sentimento de infância na sociedade, buscando compreender em que momento a criança passou a ser vista como um grupo alvo da proteção e cuidados específicos na sociedade. Para isso, começo analisando essa construção internacionalmente até chegar ao Brasil e a criação de leis de proteção a criança.

Posteriormente, descrevo sobre o lúdico, que passou a ser utilizado na educação e produção destinada ao público infantil. Trago como o livro tornou-se o principal mediador no processo de educação e busca por atender as necessidades da criança. Em seguida, trago historicamente como a literatura infantil se desenvolveu e as principais contribuições, trazendo como marco o escritor Monteiro Lobato. Descrevo o diferencial da literatura infantil e a importância da ilustração para a criança nos livros.

Finalizo o referencial teórico questionando a literatura infantil produzida para as meninas e o seu teor sexista. Um dos objetivos do livro é, justamente, fugir dessa figura “princesa” majoritariamente explorada na literatura para meninas. O livro pretende apresentar as meninas, através das experiências fantasiosas da personagem com a piscina, que a elas cabe ser tudo o que desejarem. Dessa forma, o produto tem o seu valor social, sendo também inovador por, até então, não haver um produto de livro infantil produzido como Trabalho de Conclusão de Curso.

O público destinado é composto justamente por crianças, meninas, com idade entre 7 a 9 anos, que já estejam mais habituadas com a leitura. Apesar de citar a questão de gênero, o livro não se restringe apenas a figura feminina. Acredito que sua leitura também agregue para meninos, que poderão pensar sobre a igualdade e o respeito, independente do sexo. Sendo assim, o livro pretende contribuir também para que questões relacionadas a gênero e racial sejam apresentadas às crianças de uma forma lúdica, desde a infância.

Além do referencial teórico, que foi fundamental para entendimento do público para o qual estava escrevendo, o memorial também traz as etapas de construção do produto, no qual descrevo a construção da ideia de livro infantil, a personagem e o conceito visual do trabalho. Somam-se ao memorial, as considerações finais e anexos. O produto pretende servir como referência para outros estudantes que tenham o desejo de elaborar projetos voltados para o público infantil, sobretudo, o livro infantil.

2. Fundamentação Teórica

2.1. A Construção da Ideia de Infância: o que era e o que ser criança?

Quando pensamos em infância, quase como um ato involuntário, a ideia de cuidado e fragilidade vem à tona. Afinal, no imaginário, “as crianças são o futuro da nação”. Datas foram criadas para relembrar a importância da proteção e assistência que necessitam e seus direitos estão estampados em propagandas, músicas e programas televisivos da atualidade. Mas a realidade é que nem sempre foi assim. Até que as crianças tivessem seus direitos e passassem a ser vistas como a camada da sociedade mais frágil, houve um processo de transição de ideias entre a sociedade tradicional e a sociedade moderna.

Philippe Aries retrata em sua obra “A História da Criança e da Família” como esse processo se desenvolveu a partir do final do século XVII – o que o autor chamou de “movimento de moralização”, formado por religiosos tanto católicos quanto protestantes, na tentativa de proteger as crianças na sua “inocência” e diferenciá-las dos adultos, movimentando a sociedade para a necessidade de preservação da infância.

A realidade é que até que a criança tivesse a sua fase de infância reconhecida, houve um longo caminho. Segundo Zygmunt Bauman (1998, p. 177) a partir dos séculos XVI e XVIII, por meio da Revolução Educacional.

A revolução consistiu em três desvios fundamentais: primeiro, em separar uma certa parte do processo da vida individual como o estágio da "imaturidade", isto é, uma fase repleta de perigos, mas também caracterizada por necessidades especiais e que requer, assim, um ambiente, um regime e processo todo seu; segundo, na separação espacial daqueles que precisam de tal tratamento peculiar e na sua submissão ao cuidado de especialistas deliberadamente instruídos; e, terceiro, em conferir à família especiais responsabilidades de supervisão no processo de "amadurecimento".

Antes, não havia ainda uma diferenciação clara entre a criança e o adulto, o lugar que ocupava em uma família ou o que cabia participar ou não na sociedade. Ou seja, o esforço pela conscientização dos direitos que percebemos com maior clareza em nosso tempo, praticamente se demonstrava inexistente até o século XVII, como apresenta Aries:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (1975, p. 03)

A educação da criança se confundia em meio a sua falta de espaço e ao mesmo tempo disputa de atenção negada no mundo adulto. A sua convivência diária, mas pouco observada, não produzia sensibilidade a sua figura diante da sociedade que tão pouco lhe preparava para a transição das diferentes fases. Aries vai buscar nas obras de artes, referências que desde o século XIV demonstravam como, a depender das diferenças entre as idades, as crianças eram vistas e retratadas pela sociedade da época. Aparecendo no quadro da família e mais tarde, no século XVII, diante das discussões em torno do sentimento de infância, já reproduzidas em telas sozinhas.

Os meninos sempre retratados com seus cavalos de pau, as meninas com suas bonecas. Na chegada da fase escolar, quando os estudos se tornam obrigatórios, apenas os meninos – os únicos a frequentar por um longo período – eram retratados com livros ou aprendendo a escrever. Já as meninas, emergidas nas atividades do “lar”, eram sempre pintadas em suas costumeiras rotinas entre bordados e linhas a tecer. Percebe-se então o quanto as diferenças em torno da figura masculina x feminina foi construída e repassada em todas as fases da nossa história, sendo gerada desde a infância.

Curioso notar também que a preocupação em distinguir a criança se tenha limitado principalmente aos meninos: as meninas só foram distinguidas pelas mangas falsas abandonadas no século XVIII, como se a infância separasse menos as meninas dos adultos do que os meninos. A indicação fornecida pelo traje confirma os outros testemunhos da história dos costumes: os meninos foram as primeiras crianças especializadas.” (ARIES, 1975. p. 64)

É preciso levarmos em consideração também, que a construção desse sentimento de infância atingia de diferentes formas meninos e meninas. A distinção entre os seus direitos eram muito claras: os meninos sempre estavam à frente das meninas com relação às vantagens sociais. Quando as vozes em prol da infância começaram a ganhar potencialidade, demonstrando a necessidade da educação além da fornecida pela família, e a instituição escolar entra em cena, são os meninos, por um longo período, os principais beneficiados dessa conquista:

Sem uma escolaridade própria, as meninas eram muito cedo confundidas com as mulheres, como outrora os meninos eram confundidos com os homens, e ninguém pensava em tornar visível através do traje uma distinção que começava a existir concretamente para os meninos, mas que ainda continuava inútil no caso das meninas. Por que, a fim de distinguir o menino dos homens, se assimilava o primeiro às meninas, que não eram distinguidas das mulheres? Por que esse costume, tão novo e tão surpreendente numa sociedade em que se entrava cedo na vida, durou quase até nossos dias, ou ao menos até o início deste século, apesar das transformações dos costumes e do prolongamento do período da infância?"(ARIES, 1975.p. 64)

Essa mudança de visão com relação à criança e o sentimento de infância se apresentavam pouco a pouco dentro da sociedade. Seja nas obras de artes, posteriormente nas vestimentas e até na ida à escola, foram alguns séculos até que essa preocupação em torno da infância fosse levantada pela camada religiosa da sociedade. Uma das principais causas era a necessidade que os religiosos viam de "conservar" a boa moral e os bons costumes das futuras gerações, não permitindo que nem ao menos escutassem o que se passava nas rodas de conversas dos adultos.

Paralelamente, outro fator que também contribuiu foi a alta taxa de mortalidade infantil vivenciada no século XVII. Os cuidados, então, tiveram que ser redobrados para que a criança tivesse maiores chances de sobreviver ao parto. As parteiras na França ganharam também a responsabilidade de proteger as crianças. Além disso, os pais eram agora aconselhados pelos religiosos reformadores e passariam a sentir com maior pesar a morte de um filho. Diretamente, o sentimento de família foi estreitado e a valorização da figura da criança esteve atrelada nesse processo:

É normal que num espaço tão privatizado tenha surgido um sentimento novo entre os membros da família, e mais particularmente entre a mãe e a criança: o sentimento de família, "essa cultura", diz R. Goldthwaite, "centralizava-se nas mulheres e nas crianças, com um interesse renovado pela educação das crianças e uma notável elevação do estatuto da mulher..." (ARIES, 1975. p. 18)

Porém, toda essa construção de cuidado voltada para a infância esteve privilegiada pelas crianças burguesas, revelando o quanto a questão da classe social sempre foi diretamente afetada dentro dos processos de mudança na sociedade. Praticamente, toda preocupação

que havia em torno da criança burguesa tornava-se inexistente para as crianças do “povo”. Durante muito tempo, as crianças tiveram a sua mão-de-obra utilizada em fábricas.

MARX, em *O Capital*, apontou que, com a Revolução Industrial milhares, de braços tornaram-se de súbito necessários.

Procuravam-se principalmente pelos pequenos e ágeis. [...] Muitos, milhares desses pequenos seres infelizes, de sete a treze ou quatorze anos foram despachados para o norte. O costume era o mestre (o ladrão de crianças) vesti-los, alimentá-los e alojá-los na casa de aprendizes junto à fábrica. Foram designados supervisores para lhes vigiar o trabalho. Era interesse destes feitores de escravos fazerem as crianças trabalhar o máximo possível, pois sua remuneração era proporcional à quantidade de trabalho que deles podiam extrair. (1988, p. 875-876)

Phillipe Aries revela o quanto a construção do “ser criança” se demonstrava contraditória para as camadas mais populares da sociedade:

[...] a particularização da infância durante muito tempo se restringiu aos meninos. O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos: jamais são representadas usando vestido comprido ou mangas falsas. Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras.” (ARIES, 1975, p. 67)

Temos aqui muito claros dois cenários dentro da construção do sentimento de infância e que demonstram claramente que o “ser criança” variava de acordo com a classe social. O primeiro nos demonstra que a ideia de infância e sua singularidade nunca esteve enraizada, e que precisou ser despertada e construída até que se tornasse real. O segundo ponto nos revela uma preocupação que, apesar de parecer dotada de solidariedade, não teve a sua ampliação para as diferentes classes sociais. Ou seja, ser criança dependia da posição em que se ocupava, portanto, seriam protegidas aquelas que representassem uma importância para o futuro da sociedade.

Aries retrata o cenário da França, fazendo comparações com a sociedade internacional como um todo na época estudada. Porém, essa realidade não se afasta muito do que era vivenciado pelas crianças brasileiras nos séculos semelhantes. Houve a necessidade também de um processo de reconhecimento do lugar que a criança ocupava na sociedade brasileira – suas diferentes necessidades e o quanto precisavam ser preservadas e privilegiadas. Entretanto, até a tomada desse sentimento, a criança brasileira também enfrentou o descaso com relação aos seus direitos.

Se levarmos em consideração que até o século XX não havia sinais expressivos de políticas sociais no Brasil, veremos traços claros de um país que ainda não havia despertado para a preservação da infância. Apenas as instituições religiosas, em sua grande maioria, atuavam em favor das classes menosprezadas pelo governo e sociedade. Posteriormente, o reconhecimento da figura da criança como tal e a busca por seus direitos também enfrentaram seguidas décadas de descaso. Tendo que lidar com a elitização da educação, escravidão e exploração, sobreviver e alcançar a vida adulta não era uma caminhada nada fácil.

Sobretudo no que se referia às crianças escravizadas e banidas do seu direito à infância e posteriormente, quando banida a escravidão, ainda caminhavam a mercê de um sistema que privilegia uns em detrimento de outros. Percebe-se então, que nem sempre a proteção e sentimento relacionado ao período da infância existiu no Brasil. A situação não se diferenciava muito, no que diz respeito à ausência de direitos reservados a essa fase da vida. Principalmente quando relacionados às crianças que não faziam parte da classe burguesa, sendo assim com as escolas, campo elitizado e distante para as crianças populares:

Apenas no final do século XX o atendimento à Educação Infantil passa a olhar para a criança; para suas necessidades e começa a pensar nos seus direitos, independente da classe social e de sua origem. Isto é, nesse contexto iniciam debates e avanços relacionados diretamente com as políticas educacionais para a criança. (DEMENECH, F.; SANTOS, J.K.F. 2017, p. 50)

A primeira manifestação de olhar sobre a criança, como uma criatura por si mesma dotada de atributos peculiares, veio em 1927 com a publicação do Código de Menores. Este foi o primeiro projeto brasileiro de lei tendo como objetivo exclusivo atender a proteção de crianças e adolescentes em situação de perigo. O código foi um marco na luta pelos direitos da criança por ser a primeira iniciativa com este foco, além de também ter contribuído para o fim da conhecida “Roda dos enjeitados”. O local que era reservado para que mães solteiras pudessem abandonar os filhos aos quais não podiam dar a assistência necessária. Com esse formato as crianças, em sua maioria eram abandonadas à sorte, sem a certeza de que, de fato, encontrariam cuidados de uma família.

Só em 1930, quando é criado o Ministério da Educação e Saúde, o Estado enfim assume a responsabilidade formal no que diz respeito às necessidades da criança, até então, realizada por meio da solidariedade de comunidades religiosas. A criação do Ministério reforçou o coro para que as mudanças nesse aspecto ganhassem força e lugar de discussão com relação aos direitos da criança na sociedade. O país caminhava então para a construção do que Airès havia identificado, nos países europeus, de “sentimento de infância”. Uma constante sucessão de lutas contribuiu então para reforçar o discurso sobre a atenção devida a essa fase da vida:

A história do atendimento à infância e juventude passou por diversas lutas sociais para a defesa de seus direitos, estes incluem o acesso à educação e a proibição do trabalho infantil e adolescente, especialmente após a revolução industrial, período marcado pelo crescimento dos índices de trabalho infantil. De modo geral, os direitos da infância e juventude estiveram voltados para o atendimento à criança e ao adolescente infrator, ou seja, do 'menor'², através das instituições criadas por volta dos anos de 1940: Serviço de Assistência ao Menor (SAM), Departamento Nacional da Criança (DNCr), uma política para a infância, Casa do Pequeno Jornaleiro, Casa do Pequeno trabalhador, Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), dentre outras. (DEMENECH, F.; SANTOS, J.K.F. 2017, p. 51)

Quase 60 anos à frente, em 1988, a nova Constituição Federal garante um novo passo sobre a proteção e importância da figura da criança na sociedade. A aprovação da Constituição se consolidou como um marco do olhar documentado de preocupação do Estado com a proteção e assistência à infância. É escrito então, pela primeira vez, um artigo dedicado exclusivamente aos direitos da criança, reforçando a necessidade da luta por elas:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, Emenda Constitucional nº 65, 2010, art. 2º).

Porém, é a partir de 1990 que o Brasil dá um grande salto sobre a luta das crianças e seu reconhecimento. Em 20 de setembro de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é aprovado, trazendo então uma nova visão sobre a responsabilidade com relação à criança e a proteção que cabia à sua infância. O ECA tornou-se porta voz das dores, necessidades e direitos da criança brasileira, influenciando diretamente na maneira como a sociedade passaria a lidar e tratar as suas necessidades. Sem dúvida, a coroação de todo um histórico de luta e direito da criança em simplesmente poder ser criança:

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990, pensou na exclusão social imposta pela sociedade há muitas décadas, se tornando mais do que uma lei, e sim um projeto de sociedade, por isso, sua construção ocorreu num processo coletivo e democrático, dispendo de todo um conjunto de regras, normas e procedimentos a partir dos quais se materializam esses direitos. Rompeu-se com o paradigma da 'situação irregular' e consolidou-se a Doutrina da Proteção Integral, fundamentada no princípio de prioridade absoluta, conferindo às crianças e adolescentes hoje reconhecidos como sujeitos ou titulares de direitos. A mudança de visão e do atendimento para com crianças e adolescentes ocorre quando se percebe as necessidades básicas dessa população não como um favor ou caridade, mas como direitos assegurado por lei." (DEMENECH, F.; SANTOS, J.K.F. 2017, p. 54)

Percebemos então o quanto a ideia de ser criança e infância nem sempre fizeram parte da sociedade. Foi um processo construído ao longo dos períodos da História, nos quais as

crianças foram privadas em muitos momentos de vivenciar essa fase da vida como lhe era de direito. Analisar esse cenário é fundamental para compreender como se deu a transformação do conceito de criança e, a partir disso, entender como foram criadas formas de atender às suas diferentes necessidades. Seja na área social, educacional ou cultural, o reconhecimento da infância desencadeou novas descobertas e necessidades de se produzir para esse novo público, inclusive na área da literatura.

2.2. O Lúdico na Infância: o livro infantil como principal mediador

Com o reconhecimento da infância e os direitos da criança colocados em pauta, um novo olhar surge sobre essa fase da vida. A necessidade de preservá-la e preparar a sociedade, para lidar de maneira mais assegurada com a relação adulto-criança, surge acompanhada da preocupação em como munir esses futuros adultos. É nesse lugar de compreensão da criança e do seu mundo construído à parte que o lúdico representa uma ponte para que o universo adulto, e todas as peculiaridades que lhe envolvem, seja apresentado à criança com leveza e linguagem adequada a sua realidade.

Não é raro encontrar um adulto que tenha, ao menos, uma história que de tanto lhe ser contada na infância, acompanha em sua memória e é capaz de recontar com facilidade. São sempre histórias carregadas de metáforas e analogias em um universo que a criança conhece e recebe com muito prazer, são histórias e brincadeiras carregadas de ludicidade. O dicionário define lúdico como um adjetivo: “relativo a jogo ou divertimento. Que serve para divertir ou dar prazer”. A realidade é que o lúdico sempre esteve imerso em tudo o que está relacionado a infância. Das cantigas de ninar cantadas para acalantar o bebê e fazê-lo dormir, as músicas aprendidas na escola e que levam a criança a compreender melhor os números, cores e letras.

O lúdico é a porta de entrada ao conhecimento e desenvolvimento de maneira saudável ao mesmo tempo que carrega leveza, complementos essenciais quando trata-se do mundo infantil. Alguns pedagogos foram essenciais na busca pelo rompimento do já conhecido e enfadado modelo de educação tradicional. Nomes como Ovide Decroly e Maria Montessori têm suas ideias sendo disseminadas em planos de aulas e novos formatos de ensino até os dias atuais. Ambos traziam a proposta de aliar jogos didáticos ao ensino e incentivo a autonomia da criança no ambiente escolar, sendo ouvida e respeitada no seu tempo individual de aprendizado.

Ao brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligados. A brincadeira favorece o

equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais. Cria condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir das crianças formas mais complexas de relacionamento com o mundo. [...] a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais (OLIVEIRA, 2011, p.164).

O lúdico está presente em praticamente tudo que envolve o contexto de percepção da criança. Não é de se admirar então que os livros infantis sejam carregados de linguagem e significados, que podem não despertar curiosidade aos adultos, mas que rendem admiração sonhos e memórias afetivas nas crianças. Entre bichos, reinos e seres dotados de poderes impossíveis no mundo real, os livros foram e são os principais incentivadores da ludicidade na infância. Utilizados primeiramente como fim único no aprendizado escolar, posteriormente os livros começam a apresentar novas funções no universo infantil.

Sendo os principais mediadores entre o mundo fantasioso e o mundo real, os livros seguem revelando a força da linguagem escrita e o seu poder sobre o indivíduo. O livro é uma das ferramentas mais potentes criada pelo homem, e esse poder lhe é concedido pela sua principal mediadora: a linguagem. O poder contido nas suas páginas ultrapassa as expectativas de quem o produz. Há quem diga que depois de escrito, o autor lança o seu texto para o mundo, que pode o lê de diferentes formas e tirar das suas entrelinhas significados próprios.

Airès irá dizer que *“Um livro tem sua vida própria, e rapidamente escapa das mãos de seu autor para pertencer a um público nem sempre conforme ao que o autor previra.”* (ARIES. 1975, p. 06). A realidade é que o livro está para a pessoa assim como as palavras estão para o texto. É uma relação mútua de troca e desenvolvimento que se constrói através do hábito da leitura. Construí-lo leva tempo e dedicação, mas também é praticamente impossível que surja sem que haja um mediador, principalmente quando se trata da leitura na infância. Está aí o potencial da leitura, de apresentar caminhos e registrar histórias que se perpetuam por gerações.

Dada a sua importância no desenvolvimento pessoal, podemos dizer que o não contato com a leitura, priva a criança de experiências que somente o livro é capaz de trazer. O incentivo ao mundo da fantasia, no qual tudo é possível sonhar e ser, as crianças encontram no livro um verdadeiro abrigo para desenvolver as suas mais variadas histórias. É o lugar onde tudo se é permitido ser e realizar, o que toda criança almeja nessa fase. Por esse motivo, a leitura está tão relacionada a formação do indivíduo:

A leitura frequente de textos literários é muito importante para a formação de uma pessoa, porque a obra de arte oferece interpretações do mundo que estimulam a reflexão e o

conhecimento. As narrativas tradicionais e os contos de fadas, por exemplo, tratam das questões fundamentais da existência humana: medo, amor, perda, ciúme, poder, dever, inveja, submissão. Além de proporcionar experiência emocional e estética, o convívio com a leitura, tanto ouvindo como lendo histórias, é um exercício privilegiado de habilidades mentais e de familiaridade com as estruturas e possibilidades da língua escrita. (ANTUNES, 2015. pag. 40)

Os livros infantis são os responsáveis por contribuírem para a inserção da criança no universo da leitura. São também as primeiras referências, além do convívio familiar, de modelo de vida e comportamento além dos que estão no convívio diário. Laura Sandroni e Luiz Machado irão dizer que o livro permite que a criança entre no universo de um outro ser, percebendo a sua realidade e experimentando sentimentos que lhe cabem a idade. Por esse motivo, é fundamental que seja escolhido com cautela e respeitando cada fase da vida da criança:

Os livros infantis são, muitas vezes, simplistas. O bom sempre vence o mau, toda menina é doce, as pessoas são totalmente boas ou totalmente más. Os livros podem inculcar, com eficácia, conceitos machistas - "homem não chora" - ou preconceitos de qualquer natureza - "preto é empregado". As descrições contidas nos livros ajudam a criança a construir uma imagem do mundo. Ao darmos um livro, estamos dando ideias. Devemos observar se a visão que esse livro transmite é aceitável. (SANDRONI.; MACHADO. 1998, pag. 18)

Quando pensamos o livro na infância, percebemos que pode ser explorado de inúmeras formas. Tanto no ambiente escolar, no qual tem a principal função de orientar os assuntos a serem trabalhados, como no ambiente familiar, no dia-a-dia da criança, sendo adicionado às suas brincadeiras e processo de descobertas. O exercício de construir essa relação de descoberta e gosto pelo livro na infância deve se iniciar ainda nos primeiros anos de vida e sempre acompanhado do incentivo dos responsáveis, que serão os principais modelos que as crianças imitarão. O contato com livros de diversos gêneros e linguagem, as auxiliarão a compreender que os exemplares não resumem apenas a mensurar o seu desempenho escolar, mas podem ser companheiros de suas rotinas e atividades diárias.

Entretanto, é necessária a atenção ao que está sendo apresentado à criança por trás de contos magníficos e dotados de simbologia. Como uma das principais fontes das crianças em seu processo de descoberta do mundo, os livros são pontes intermináveis que levam até o conhecimento. Por esse mesmo motivo, há a necessidade de se voltar um olhar clínico para identificar mensagens subentendidas e que insistem em reforçar conceitos preconceituosos em suas histórias. Da mesma maneira que os livros podem levar as crianças à reflexão sobre a sua relação no mundo e com o outro, podem, por outro lado, e com a mesma facilidade construir barreiras nessas mesmas relações.

É importante que sejam apresentados à criança temas que reforcem sobre as diferenças existentes em sua volta. Cabe também o esforço em buscar temas e histórias que retratem a

representatividade, de forma que diferentes crianças possam se sentir incluídas na ilustração dos personagens. Temos então uma potência que pode ser utilizada tanto para gerar mudanças e causar impactos sociais ou simplesmente limitar-se. Cabe ao autor decidir o caminho a ser trilhado.

Percebemos então a importância em discutir novos formatos de produção literária infantil que conversem diretamente com as atuais mudanças sociais. Além disso, avaliar o impacto que essas histórias e personagens causam no desenvolvimento da criança – fácil de ter suas convicções influenciadas por meio do que lhe é apresentado – também é fundamental nesse processo. Para isso, voltar à história e analisar de que maneira essa produção foi construída e realizada até aqui é fundamental para ter um entendimento claro de como esse movimento ganhou força e tem se mantido forte no cenário da Literatura Brasileira.

2.3. Produção Literária Infantil: primeiros passos

Os primeiros indícios de preocupação em torno da produção destinada ao público infantil são apontados na França, durante o século XVII, coincidentemente, quando o sentimento de infância já havia começado a ser semeado na sociedade. Iniciava-se agora uma “corrida” em busca de materiais específicos para a educação dessa figura jovem: a criança. E é justamente nesse cenário que as fábulas irão se desenvolver e conquistar o público infantil. Tendo como os seus registros iniciais as obras assinadas por La Fontaine e Charles Perrault, o mundo fantástico é rapidamente adotado pelas crianças e incentivado pelos pais:

É na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente a preocupação com uma *literatura para crianças ou jovens*. As *Fábulas* (1688) de La Fontaine; os *Contos da Mãe Gansa* (1691/1697) de Charles Perrault; os *Contos de Fadas* (8 vols. - 1696/1699) de Mme. D’Aulnoy e *Telêmaco* (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil, tal como hoje o conhecemos. (COELHO, 1991, p. 75)

São os escritores franceses que irão correr o mundo com suas histórias e incentivar a produção visando à criança. Apesar de retratar, em sua maioria, contos que já estavam presentes na sociedade por meio da oralidade dos povos antigos, a maneira como recriavam e conseguiam transmitir a narrativa fantasiosa, era o que causava a admiração do público. Alguns sentimentos são reforçados, entre eles o ideal de vida heroica em prol de um bem comum, no qual o bem luta incansavelmente contra o mal. Jean La Fontaine caiu nas graças do público por, justamente, ter adotado esse modelo atemporal de produção literária: as fábulas.

Foi por meio delas que o francês consolidou a sua carreira como escritor renomado e se tornou uma das principais referências internacionais quando se trata de literatura infantil. La Fontaine conseguiu o feito de trazer um novo olhar sobre as Fábulas e manter uma longa carreira na produção infantil. Apesar de ter a iniciado como escritor de peças de teatro, formato mais privilegiado da sua época (1650), são nas fábulas que o escritor deixa ainda mais registrada a sua personalidade. Se consolidado como escritor influente, criativo e inovador:

Conforme registro de vários pesquisadores, La Fontaine foi buscar seus argumentos nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais, cientistas e em várias outras leituras que desafiavam a sua infatigável curiosidade. É essa *heterogeneidade das fontes* que vai, talvez, determinar as diferenças de *matéria literária*, evidentes em suas 'fábulas. Com esse rótulo geral, La Fontaine reuniu todos os breves poemas narrativos que constituem os doze livros que resultaram de suas pesquisas e criação, durante 25 anos de trabalho. (COELHO, 1991, p. 82)

Somado as famosas fábulas de La Fontaine, outro nome que representa um marco na produção literária infantil internacional é o de Charles Perrault. Diferente de Fontaine, Perrault tem a sua carreira firmada na literatura popular, não muito valorizada no seu tempo, mas que posteriormente encontra o seu lugar de relevância dentro da literatura infantil. Um dos seus contos mais marcantes “Os Contos da Mãe Gansa” não foi pensado primordialmente com foco na figura da criança, porém, passou a ser indicado para infância a ponto de se tornar uma das suas obras mais famosas.

Perrault recorre ao folclore francês para construir os seus textos e histórias, contrastando com o que era buscado por seus contemporâneos. Um fato curioso sobre sua vida é que começou a escrever contos a partir dos 60 anos de idade, pois boa parte do tempo se dedicou às atividades de advocacia, sendo integrante da corte do rei Luís XVI. E apesar de não ter visado o público infantil propositalmente, no começo da sua carreira, foi através deste que se consagrou como escritor, tornando-se um dos principais nomes da literatura infantil.

Os contos de Perrault há muito que adquiriram autonomia: correm mundo sem que, na grande maioria dos casos (inclusive edições que não mencionam autor), seu leitor ou ouvinte saiba quem os escreveu. É o destino de todas as grandes obras... dificilmente se vulgarizam, sem se desprenderem da tutela de quem as realizou. (COELHO, 1991, p. 89)

Apesar de ter tido um início “tardio” na literatura infantil, Perrault produziu o suficiente para deixar seus contos gravados na memória de muitas gerações. Suas obras mais famosas são as primeiras a serem registradas pelas crianças, antes mesmo de aprenderem a ler, boa parte aprende oralmente a reproduzir os contos de Perrault. Dentre eles estão: *A Bela Adormecida no Bosque (La Belle au Bois Dormant)*, *Chapeuzinho Vermelho (Le Petit Chaperon Rouge)*, *O Barba Azul (La Barbe-Bleue)*, *O Gato de Botas (Le Maître Chat ou Le Chat Botté)*, *As Fadas (Les Fées)*, *A Gata Borralheira ou Cinderela (Cendrillon ou La Petit Pantoufle de Verre)*, *Henrique, o Topetudo (Riquet à la Houppe)* e *O Pequeno Polegar (Le Petit Poucet)*.

Embora esses autores, dentre tantos outros que aqui poderiam ser citados, tenham se sobressaído com suas obras é importante citar que muitas delas tinham inspiração de antigos contos medievais. Desde que o mundo é mundo, histórias são inventadas e passadas por gerações. A esses autores, coube o talento de as transformarem por meio de suas habilidades, trazendo como referência para a sua produção. O que justifica a capacidade da literatura em perpetuar histórias.

Avançando um pouco os séculos, temos dois nomes que também marcaram a Literatura infantil e certamente são citados como referência. Os famosos Contos dos irmãos Grimm repercutiram no século XIX, no qual o fantástico-maravilhoso predominava sobre os livros infantis. De nacionalidade alemã, os irmãos filósofos trouxeram, a alguns contos já famosos, a nova roupagem baseada no Romantismo, movimento literário que predominava na época. Conhecidos mundialmente, Jacob e Wilhelm Grimm iniciaram com o objetivo de reunir as origens históricas do que já havia sido produzido por seus antecessores.

Dessa “busca curiosa”, os Irmãos Grimm se depararam com a presença massiva do mundo fantasioso e místico das produções. A intenção de investigar a origem do folclore literário germânico resultou na primeira obra assinada por ele *Contos de Fadas para Crianças e Adultos (Kinder-und Hausmärchen)* e publicado entre os anos de 1812 e 1822. Os irmãos Grimm trazem então um novo sentimento para as obras, há uma nova visão sobre o homem e sobre como o mesmo compreende o mundo. Sentimentos esses resultantes do sentido humanitário presente no Romantismo e que influenciou diretamente na produção das artes:

Assim, a violência (patente ou latente dos *Contos* de Perrault) cede agora a um *humanismo*, no qual se mescla o sentido do *maravilhoso* da vida. A despeito dos aspectos negativos que continuam presentes nessas estórias, o que predomina sempre é *a esperança e a confiança na vida*. Para exemplificar, confrontem-se os finais da estória do *Chapeuzinho Vermelho* em Perrault (que termina com o Lobo devorando a menina e a avó) e a dos Grimm (onde o caçador chega, abre a barriga do lobo, deixando que as duas saiam vivas e felizes; enquanto o lobo morria com a barriga cheia de pedras que o caçador ali colocou...) Aliás, essa estória aparece também com o título *O Lobo e as Sete Cabras*, transformada em fábula. (COELHO, 1991, p. 142)

Apesar de não trabalharem com muita clareza a diferença entre a mentalidade da criança, os Irmãos Grimm se esforçaram para escrever uma linguagem suavizada, na qual esteve presente sempre o encantamento – praticamente todas as suas obras revelam alguma transformação ou animais como personagens principais. Dentre os seus contos mais famosos estão: *A Dama e o Leão*, *O Chapeuzinho Vermelho*, *Joãozinho e Maria*, *O Pequeno Polegar*, *A Raposa e o Gato*, *A Bela Adormecida*, *Os Sete Anões e a Branca de Neve*, *O Corvo*, entre outras que contribuem até os dias atuais para a literatura infantil.

Da mesma geração dos Irmãos Grimm, a história também nos revela Hans Christian Andersen. Também seguidor dos ideais românticos, o dinamarquês Andersen trazia em sua história certas peculiaridades e “lições de moral” características dos seus contos. Baseado na realidade presente no dia-a-dia, o autor desenvolveu histórias que sempre traziam um fundo de provações que os seus personagens precisavam passar por conta de suas escolhas ou simplesmente por situações que fugiam do seu controle.

Suas principais obras foram: *O Patinho Feio*, *Os sapatinhos Vermelhos*, *O Rouxinol e o Imperador da China*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Pequena Vendedora de Fósforos*, *Os Cisnes Selvagens*, *O Homem da Neve*, *João e Maria*, *Sereiazinha* entre outros. Uma das características das suas obras está relacionada à sua capacidade de retratar a realidade com uma dose de magia. O que apesar de trazer alguns desfechos tidos como agressivos para a leitura na infância, ainda assim, seguiram conquistando o seu público e tornando as suas histórias fontes de inspiração para outros escritores:

Uma das peculiaridades de Andersen é a sábia mistura de “maravilhoso” e “realismo” existente em sua matéria literária. Nesta, não há fadas (encontramos apenas uma na pequena novela de origem popular germânica “Os Cisnes Selvagens”), o que não impede a onipresença do maravilhoso em seu universo. Na verdade, a maioria das narrativas de Andersen apresenta personagens, espaço e problemática retirados da realidade comum, conhecida por todos nós. Entretanto, o elemento mágico está em tudo, e tão naturalmente presente, que as coisas passam a acontecer em um espaço onde não existem fronteiras entre o Real e a Fantasia. É como se Andersen visse o universo à sua volta como algo maravilhoso, idêntico ao mundo sobrenatural existente nas lendas, mitos, fábulas, sagas, novelas... ancestrais. (COELHO, 1991. p. 152)

Nesse caminho de construção da literatura para crianças, inúmeros nomes fizeram parte do processo. Citá-los e a suas obras uma por uma precisaria de um trabalho de meses intensos de pesquisa e que, certamente, extrapolariam a proposta do memorial. Nos anos de 1800 em diante tivemos autores com o legado maravilhoso como Lewis Carroll (1832/1898) com a sua célebre *Alice no País das Maravilhas*, James M. Barrie (1860/1937) com o sonho de toda criança em *Peter Pan* e Collodi (1826/1890) com o encantador *Pinóquio*. Esses e muitos outros inspiraram diretamente o desenvolvimento da Literatura Infantil em todo mundo, inclusive a brasileira. Seus contos são introdutórios para a maioria das crianças independente da época.

2.3.1. O Cenário Brasileiro

O Brasil vivia um cenário de transformações diante das mudanças de sistema de governo (1861/1919), e estava ainda desfazendo-se da monarquia para, enfim, experimentar do que era tornar-se uma República. O país voltava a sua total dedicação para apresentar-se como

um país moderno e urbanizado. A ideia do rural começa pouco a pouco a ser vista com olhos de inferioridade e o almejado agora é a industrialização, que já acontecia em países do exterior (como Inglaterra e França).

Desse modo, não foi diferente no Brasil o desejo de mexer nas estruturas que compunham a sociedade, com o objetivo de criar novos moldes e então experimentar a completa modernização. A ideia de consumo começa a invadir as casas e a produção de produtos em massa com a chegada das fábricas e faz com que novos públicos e necessidades surjam na Nova República. Necessidades essas que também passavam pela capacitação para a mão-de-obra e obrigatoriedade da criança na escola como é apresentado pela escritora Marisa Lajolo:

Decorrente dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX e o começo do XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil. Gestam-se aí as massas urbanas que, além de consumidoras de produtos industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, os romances ligeiros, o material escolar, os livros para crianças.” (LAJOLO, 1985, pág. 25)

Essas necessidades foram somadas à grande quantidade de exemplares estrangeiros que estavam sendo traduzidos e adaptados para a circulação nas escolas. Um ponto que demonstra a fragilidade da literatura infantil brasileira, nesse momento, é o fato de não haver um cuidado na adaptação das palavras para a compreensão das crianças. Além de lidarem com conteúdos com objetivo principal na disciplinarização, ainda contavam com uma lista de expressões que fugiam da realidade do vocabulário infantil.

O que demonstrava a urgência em nacionalizar o que estava sendo produzido no país, destacando a cultura local e permitindo que a criança entendesse o que estava sendo apresentado. A realidade é que os textos que aqui circulavam, nem ao menos se davam ao trabalho de adaptar a linguagem para a criança brasileira. Muitas vezes, por serem redigidas com base no português de Portugal, era uma tarefa árdua para os pequenos leitores a compreensão de muitos desses exemplares. Fato que passa a incomodar e gerar o reconhecimento da necessidade de uma literatura infantil, de fato, brasileira.

Esta distância entre a realidade linguística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entre-séculos, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira. Dentro desse espírito, surgiram vários programas de nacionalização desse acervo literário europeu para crianças.” (LAJOLO, 1985, pág. 31)

A crença de que o muito ler transformaria a criança em um adulto com domínio pleno da escrita, fazia com que a leitura fosse aos poucos conquistando um lugar de destaque nas

salas de aula e prática nas famílias. Porém, ainda assim, existia um misto de lacuna com desconhecimento da potencialidade da literatura infantil. Lacuna diante da ausência de exemplares destinados às crianças, que só passaram a existir no final do século XIX, e falta de valorização por desconhecerem o potencial da leitura na vida de uma criança e para o seu desenvolvimento além das salas de aula.

Faltava então à literatura infantil a autonomia já presente em outros segmentos e uma maior representação da figura da criança. A ausência dessa preocupação fazia com que as histórias não tivessem as crianças como foco principal, conseqüentemente não conquistando o público infantil. Com passos tímidos e incertos, aos poucos esse cenário começa a mudar. De um lado, historicamente havia um hábito não muito cultivado pela sociedade em sua maioria. Se levarmos em consideração que ter livros em casa era como possuir um objeto de luxo, já que os valores costumavam ser elevados para o orçamento de boa parte das famílias.

Possuir uma estante repleta de livros não era comum, muito menos de fácil aquisição. Dessa forma, ter acesso à literatura não era tão fácil quando se havia o desejo. As possibilidades voltavam a resumir-se às escolas e bibliotecas. Por outro lado, a ideia já citada da literatura como instrumento de alfabetização e totalmente pedagógico, acendeu uma faísca para a preocupação em torno da necessidade da criança ter contato com a leitura. Conseqüentemente, vendo na literatura um caminho possível e prático para tal feito.

Se para um adulto ser “culto” caberia a ele ter uma lista dos mais nobres exemplares literários já lidos, quanto mais cedo esse hábito fosse implantado na infância, maiores chances essa criança teria de cada vez mais cedo tornar-se também culta. Nesse ponto, a literatura infantil começa a experimentar o reconhecimento do seu potencial além do pedagógico, mas agora no âmbito social. Seu registro de primeira manifestação aqui no Brasil foi em torno de 1894:

A primeira manifestação nacional de uma produção voltada para o público infantil foi por volta de 1894, por Alberto de Figueiredo Pimentel. O autor organizou os “Contos da carochinha, Histórias da avozinha, Teatrinho infantil e Os meus brinquedos” em uma adaptação de histórias de fadas européias e contos tradicionais populares.” (ANTUNES, 2015, pág.41)

Alberto de Figueiredo Pimentel foi um dos nomes que merece destaque nessa fase de construção da identidade da nossa literatura infantil. O Jornalista carioca teve como característica principal sua vontade de popularizar as produções literárias, o que tenta fazer por meio da tradução de 61 contos de autores clássicos na primeira publicação brasileira destinada ao público Infantil, os *Contos da Carochinha*, de 1894. Dentre os contos reunidos, trazia traduções de Perrault, Andersen e Os Irmãos Grimm.

Antes dessa primeira publicação infantil, os exemplares destinados às crianças não eram de origem brasileira e carregavam palavras e expressões que pouco geravam identificação da criança diante da leitura.

Figueiredo Pimentel surgiu nesse cenário, conduzindo a literatura infantil a um novo patamar, marcada por leveza e linguagem de fácil interpretação e fugindo totalmente do que até então era apresentado para as crianças. Foi justamente esse diferencial que fez com que a obra de Figueiredo Pimentel caísse nas graças do seu público e gerasse uma reviravolta na história da Literatura Infantil Brasileira. O jornalista tornou-se um forte nome e referência no gênero, rendendo inúmeras tiragens do seu primeiro exemplar.

Figueiredo Pimentel concentra o seu olhar no universo infantil no mesmo período em que o processo de modernização em que o país vivia, levava à reflexão sobre a necessidade de educar cidadãos críticos e com educação exemplar. Paralelamente, a sua obra traz a oralidade das histórias para as páginas do livro:

Em *Contos da Carochinha*, o leitor pode encontrar histórias de fadas europeias, ao lado de narrativas coletadas entre descendentes dos povoados do Brasil. Há histórias de origem portuguesa e também narrativas contadas pelas escravas que cuidavam das crianças brasileiras no século XIX. (BARBOSA, 2009, p. 13).

Era o estímulo que a Literatura Infantil precisava para dar passos largos diante da sua própria identidade. É preciso citar que, no contexto social, as constantes mudanças causadas pelo processo de urbanização contribuíram para a formação de uma nova valorização do saber e culto a inteligência. Dessa forma, o incentivo constante pelas campanhas de alfabetização e permanência das crianças na escola, influenciavam diretamente na necessidade de materiais de material didático:

Nas lamentações da ausência de material de leitura e de livros para a infância brasileira, fica patente a concepção, bastante comum na época, da importância do hábito de ler para a formação do cidadão, formação que, a curto, médio e longo prazo, era o papel que se esperava do sistema escolar que então se pretendia implantar e expandir. (LAJOLO, 1985, p. 28)

A partir desse “alerta nacional”, um número significativo de jornalistas e intelectuais passaram a dar um olhar necessário a produção literária infantil. Era um projeto de Brasil moderno, caminhando a todo vapor e modificando a visão acerca da literatura infantil, agora também vista como bem de consumo e fonte de lucro para muitos:

Tratava-se, é claro, de uma tarefa patriótica, a que, por sua vez, não faltavam também os atrativos da recompensa financeira: via de regra, escritores e intelectuais dessa época eram extremamente bem relacionados nas esferas governamentais, o que lhes garantia a adoção maciça dos livros infantis que escrevessem. (...) Sugere que escrever

para crianças, já no entre-séculos, era uma das profissionalizações possíveis para o escritor. (LAJOLO, 1985, p. 29)

Nomes como os de José Lins do Rego, Luís Jardim, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Lúcia Miguel Pereira, Guilherme de Almeida, entre outros, contribuíram em grande escala para que a nossa literatura infantil alçasse voos para além do território brasileiro. Porém, é praticamente impossível falar sobre o seu desenvolvimento, sem citar aquele que foi o grande ícone desse processo e que representou um verdadeiro marco a literatura infantil brasileira: Monteiro Lobato.

Nome que deu voz às crianças e que rapidamente viu os seus personagens disseminados pelo Brasil. Tornando-se referência no gênero e o primeiro nas prateleiras dos livros das bibliotecas e no coração dos pequenos leitores. Encantados pelas histórias do tão famoso *Sítio do Pica Pau Amarelo*, as *Aventuras de Pedrinho* e tantas lendas folclóricas materializadas em seus livros, que não conquistaram somente as crianças, mas arrancaram muitos suspiros dos já adultos também.

2.3.2. Monteiro Lobato e a criança como primeira pessoa na Literatura Infantil

José Bento Marcondes Monteiro Lobato, mais conhecido como Monteiro Lobato, viveu entre os anos de 1882 e 1948 e foi um grande incentivador no processo de renovação da literatura brasileira. Reconhecia o apego ainda intenso nas referências europeias e trabalhava em sua obra a necessidade de construção de uma identidade própria, além da desvinculação da literatura infantil com o viés exclusivamente pedagógico. Monteiro Lobato enxergava a capacidade da produção literária voltada para infância, o que fez toda a diferença na sua obra, como aponta Nelly Novaes Coelho:

Esse quadro “pedagogizante”, em que a literatura está a serviço da doutrinação, vem se modificar profundamente com Monteiro Lobato (*A menina do narizinho arrebitado*, 1921). Em sua vasta produção para crianças. Lobato muda radicalmente o ponto de vista da narrativa brasileira desse período. A criança é posta como criança mesmo, no centro da narrativa. Passa a ser personagem principal e não apenas um futuro adulto que precisa ser moldado, educado, domesticado. A criatividade, a esperteza, a traquinagem, a fantasia e o universo lúdico infantil são privilegiados. Há também nos livros de Lobato a recuperação e a reelaboração de mitos e lendas brasileiros, bem como a incorporação transformada e adaptada das narrativas tradicionais da cultura universal.” (COELHO, 1985, p. 41)

Esse novo formato, já não era mais dominado por traduções e linguagens que fugiam da capacidade de entendimento da criança. Nesse momento, o público infantil começa a se

reconhecer nas fábulas e contos nos quais eram personagens principais, que interagiam e viam suas histórias retratadas em diálogos. Fator que contribuiu diretamente para que o autor estivesse em disparado como um dos escritores prediletos das crianças, e porque não dizer dos adultos também?

A sua obra foi marcada por um fundo de crítica à época vivida, na qual a ideia de país moderno afirmada pelo governo parecia não conversar com a realidade de um Brasil que ainda não havia conseguido se desvencilhar de uma sociedade ainda majoritariamente rural. O universo antes almejado agora era menosprezado e pouco a pouco invadido pelo urbano e sua vida agitada entre indústrias. Monteiro Lobato, então, traz em suas histórias, ambientadas em um sítio, uma linguagem abraçada pelo público infantil, mas sem se abster da crítica ao governo:

Assim sendo, o sítio não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa igualmente uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil - e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira. (LAJOLO, 1985, p. 56)

A preocupação com a autenticidade na sua obra sempre foi uma constante, confirmando o seu sucesso e levando a ser traduzido para outros países já em 1926, como é o caso das obras *As Caçadas de Pedrinho*, *O Minotauro*, *Emília no País da Gramática*, *Memórias de Emília*, *O Poço do Visconde* *A Chave do Tamanho*, entre outros. Além disso, a confiança no conteúdo era tamanha que sua indicação foi constante em bibliotecas e salas de aula, sendo também incluído na nova diretriz pedagógica da Escola Nova, movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX:

O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais e acredita que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade." (LUSTOSA JÚNIOR, 2012, pg. 02)

No Brasil, a Escola Nova estava diretamente relacionada ao novo ideal de busca pela modernização, agora na área do Ensino. Seus ideais passaram a ser disseminados por volta da década de 1920 e trouxeram transformações significativas para a educação, como a então criação da Associação Brasileira de Educação (1924). Dentro desse processo lá estavam as obras lobatianas, servindo como precursoras de uma literatura e cujo o objetivo principal era fazer com que a criança não só lesse automaticamente, mas também compreendesse e tivesse a sua simplicidade sendo retratada pelos personagens.

Motivo também pelo qual Monteiro Lobato e seus personagens foram pouco a pouco conquistando lugar de prestígio no coração dos brasileiros. Sendo referência no gênero e um dos poucos a ter suas histórias atravessando gerações com o mesmo entusiasmo do início, seria impossível falar aqui sobre Literatura Infantil Brasileira sem citar a sua história e obras.

A sua atuação na área política e econômica influenciaram diretamente suas obras e suas entrelinhas demonstravam o seu viés de crítica. Lobato chegou a ser dono de uma empresa de exploração de petróleo (Companhia de Petróleo do Brasil) e acusava constantemente o Governo por não o fazer e prejudicando as possíveis mudanças que poderiam ocorrer socialmente no país. Seu posicionamento ferrenho e de questionamento ao governo fez com que se familiarizasse com os ideais comunistas e estivesse sempre envolvido em discussões acerca das mudanças que se esperavam para o país.

Ainda assim, possuía a maestria em reunir todos esses fatores em uma linguagem que conversava com o universo infantil, carregado de símbolos brasileiros e que dava a voz constantemente ao seu público de interesse: as crianças. O que explica por si só como conseguiu envolvê-los em suas tramas:

Seu sucesso irrestrito entre os pequenos leitores decorreu, sem dúvida, de um fator decisivo: eles se sentiam identificados com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação familiar e afetiva, que era subitamente penetrada pelo maravilhoso mágico, com a mais absoluta naturalidade. (...) Fundia o real e o maravilhoso em uma única realidade." (COELHO, 1991, p. 227)

E mesmo quando a novidade das revistas em quadrinhos chegou e a televisão avançou nos lares levando as crianças ao fascínio, lá também chegaram as obras de Monteiro Lobato, confirmando a sua importância e relevância atemporal. A série 'Sítio do Pica Pau Amarelo' caiu no gosto de brasileiros de todas as idades e épocas, fato raro e que justifica o escritor ter se tornando um ícone na Literatura Infantil Brasileira.

Além de renovar a produção literária infantil, Monteiro Lobato produziu obras como tradutor, acessíveis a um grande número de brasileiros. É o caso de *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll), *Os Negreiros da Jamaica* (Maine Reid), *A Filha da Neve* (Jack London) *O Homem Invisível* (H. G. Wells), *Pinóquio* (Collodi), *Pollyana* (Eleanor Porter), *Novos Contos* (Andersen), *Contos de Fadas* (Perrault), entre outros. O tornando também elogiado pela sua capacidade de imprimir brasilidade e adaptá-las à realidade da linguagem da criança.

Percebemos então, o quanto o processo de desenvolvimento da literatura infantil brasileira foi cercado por um conjunto de mudanças sociais, culturais e no âmbito educacional da sociedade. O que nos ajuda a compreender o percurso longo e historicamente rico que a

produção literária infantil caminhou até então. Observar a sua independência hoje é poder contemplar o resultado de uma das páginas mais intrigantes da literatura brasileira.

2.4. Quando a imagem vale mais que mil parágrafos

Diferente do cenário dos livros destinados ao público adulto, o universo livresco infantil possui certas peculiaridades na construção de suas histórias. A regra aqui é clara: as imagens, por vezes, falarão mais do que as palavras. A ilustração é um dos pontos fortes e mais importantes dentro do livro infantil. Ela é responsável ora por fornecer informações complementares ao texto, ora por ser independente dele e levar a criança a pensar além do que está contido em seus parágrafos.

A depender da faixa etária do público para o qual a produção for destinada, muitas vezes a ilustração é a única linguagem que conduzirá a narrativa. Normalmente para o grupo de crianças entre 0 e 2 anos, que ainda não têm muita percepção do mundo a sua volta, as imagens e suas cores serão o “carro chefe” para chamar a sua atenção para a história que ali está sendo representada. É um jogo de descobertas em que a criança vai ganhando cada vez mais autonomia e passando de fase a partir das novas descobertas com relação às palavras.

Nesse sentido, a ilustração é a principal mediadora nessa relação criança - livro, sendo responsável por auxiliar a compreensão totalitária da narrativa. Sem as ilustrações, os livros infantis certamente não provocariam no público a curiosidade e expectativa contida a cada folheada. É comum vermos crianças empolgadas ao observarem as páginas de um livro, ainda que não possuam domínio pleno da leitura, conseguem ser atraídas pelas imagens ao mesmo tempo em que identificam a continuidade da história a partir da ilustração:

A importância da ilustração e sua mediação para a formação de leitores é observada por autores, professores e todos que se dedicam ao assunto. Os livros de figuras, isto é, só com ilustrações, tanto para crianças como para jovens e adultos que não chegaram à leitura de sinais gráficos (letras), possibilitam a leitura das imagens. Essa leitura é substituída pela criança gradativamente, à medida que se apropria dos sinais gráficos. Livros com pouco, ou nenhum texto, permitem ler obras de outros povos e culturas.” (ANTUNES, 2015, p. 51)

Quanto mais a criança vai ganhando autonomia com relação ao reconhecimento das palavras, mais a ilustração a auxiliará na sua percepção da história. As palavras estão lá, conduzindo a narrativa e as imagens também. Agora ela consegue compreender o sentido das figuras que foram utilizadas, o porquê estão ali e também quando querem complementar alguma

informação extra a que o autor expõe através da linguagem escrita. Escrita e ilustração caminham então lado a lado na busca por construir a história nos livros infantis.

O processo de alfabetização, quando a curiosidade é afluída pelas primeiras junções de sílabas, é a fase em que a criança já possui suas histórias preferidas, na maioria das vezes contadas pelos pais ou até mesmo professores nas escolas. O pequeno leitor consegue, a partir dessa biblioteca mental própria, identificar elementos que já viram em outras histórias e assim guardar suas referências, podendo até mesmo, com muita facilidade recontar esses contos a sua maneira.

Esse público corresponde às crianças entre 6 a 8 anos, que serão cativadas por determinados gêneros com maior facilidade. A exigência com relação à ilustração também se torna maior, visto que as crianças já começam a definir seus gostos e com facilidade identificar se a imagem correspondente conversa ou não com a história. Caso a resposta seja negativa, muito facilmente esse livro não conquistará o público, já que este precisa estar imerso no universo correspondente a essa fase:

As livrarias mantêm, em geral, um acervo muito pequeno e muito pobre. E, na maioria das vezes, esse já difícil contato criança-livro dá-se por “imposição”, quando se torna indispensável a leitura dos livros adotados nas escolas como meio de aferição, ou pela própria interferência dos pais. Essas atitudes - incluindo-se a não observância das faixas de interesse - geram frequentemente um total desajuste, prejudicando a concepção de leitura do público infantil, que passa a ver o estético como algo “detestável”. (SANDRONI.; MACHADO, 1988, pag. 131)

Percebe-se, então, que a produção do livro infantil trabalha a partir de três pilares: o incentivo dos pais, a linguagem escrita e a ilustração. Um ponto desenvolve o outro e as relações entre si é o que resultará no desenvolvimento do hábito da leitura pela criança. Porém, a ilustração é uma das grandes estrelas dentro desse processo. Ao retirá-la, toda a magia do texto vai embora juntamente, causando estranheza e se desvencilhando totalmente do seu objetivo lúdico. Podemos dizer que a ilustração é a chave da produção do livro infantil.

Aqueles que possuem sensibilidade para desenvolvê-la estará há alguns passos para conseguir atingir o objetivo do livro. O seu potencial informativo consegue facilmente ser independente da escrita, ao mesmo tempo em que a complementa. É essa dualidade que faz da produção literária infantil um universo tão rico e peculiar. Embora possa parecer simples, na prática se apresenta como um desafio para quem o produz. Conseguir cativar uma criança por meio de histórias exige mais técnica do que parece.

Ainda assim, os resultados observados em longo prazo produzem a satisfação e certeza de que todo o trabalho foi válido. Semear na infância sempre produz colheitas significativas na vida adulta e, nesse sentido, o livro pode ser e é um grande mediador. Compreender a importância do seu incentivo ainda na infância é fundamental para que o processo do hábito pela leitura seja desenvolvido o mais cedo possível. Até porque é preciso levar em consideração que o caminho entre a criança e o livro não pode ser feito de forma autônoma, sempre haverá um incentivador no processo.

E a esse incentivador cabe persistência, dedicação e sensibilidade para compreender que o contato da criança com o livro deve se dar no seu tempo. Além disso, é necessário se desvencilhar da ideia de que o livro é um objeto intocável, no qual “todo cuidado é pouco”, e que, é quase sugerido, que o manuseio seja proibido. A criança precisa sentir-se independente com os seus livros, tocá-lo, folheá-lo e conhecê-lo no seu tempo. Só assim poderá vê-lo não como um obstáculo e explorá-lo em todas as suas possibilidades. Cabe então aqui essa passagem do livro “A Criança e o Livro” que resume em poucos detalhes toda essa relação:

Se a gente acredita que livro pode dar um prazer enorme à criança, sem dúvida uma conclusão lógica dessa crença está no fato de que, se a criança tiver acesso ao livro, vai se interessar por ele. Vai querer a alegria, desejar o prazer. Tudo está em ter a chance de encontrar esse objeto de perto, geralmente um objeto tão sacralizado e encerrado em proibições e recomendações que mais parece que a criança está lidando com um símbolo religioso do que com um brinquedo: “Cuidado para não rasgar”, “Vire a página com cuidado”, “Não leia no chão”, “Não pode pegar”, “Olha a mão suja”, “Não se escreve em livro”, e mais os conselhos do tipo livro-é-o-melhor-amigo etc., coisa que, no mínimo, é uma distorção afetiva. Resultado : o livro vai virando uma espécie de santo no altar. Ou de carço de mamão: todo mundo diz que é muito bom, tem papáina, faz bem ao aparelho digestivo, mantém a saúde, mas a primeira coisa que todo mundo faz quando corta um mamão é jogar fora os caroços. Sadio demais e gostoso de menos.” (SANDRONI.; MACHADO, 1988, p. 134)

2.5. Literatura para Meninas: toda menina tem que ser princesa?

Contos de fadas, roupa cor de rosa, brincar de casinha. É quase instantâneo que todas essas características sejam dirigidas à figura feminina. Antes mesmo de nascermos já possuímos um manual, não construído por nós, mas por aqueles que se julgam aptos para discernir o que pode ser considerado “coisa de menina” ou não. “Não é assim que uma mocinha deve se sentar”, “futebol é coisa de menino”, “essa boneca é a sua filhinha?”, são expressões que quase todas as mulheres já foram obrigadas a ouvir em alguma fase das suas vidas. E que

reforçam um ideal de comportamento sobre a figura feminina que é quase unanimemente representado em todas as produções que visam o público feminino.

Quando falamos da produção literária infantil, não é difícil perceber que, constantemente, a figura que se destina às meninas limita-se a personagens de princesas. Basta uma breve passagem pela seção infantil de uma livraria para notar as diferenças entre as produções destinadas aos meninos e as que são ofertadas às meninas. Parece não haver muita saída naquele universo de prateleiras que reúnem obras para elas. Não que haja um problema na menina querer ser ou se ver como princesa, já que ao imaginário infantil, cabe tudo. A questão a ser tratada aqui é: toda menina precisa, necessariamente, ser princesa? Por que aos meninos cabem ser guerreiros, astronautas, pilotos de corrida e a nós foi reservada a única opção de sermos princesas?

Na literatura infanto-juvenil deste período é para a família e a casa que convergem os condicionamentos da menina e da mulher, e é através dela que se lhe constrói a expectativa da felicidade duradoura. A própria marca da individualidade do personagem, o nome pelo qual é designado, indica coerentemente a linha do estereótipo: as personagens femininas são mais frequentemente que as masculinas denominadas através de sua função familiar e de sua condição de cônjuge - de filhas de Leo, passamos a irmãs de Pedro, mulheres de Sérgio, mães de André e avós de Asdrúbal; ao contrário, as personagens masculinas são, mais frequentemente que as femininas, denominadas através de seu nome próprio e de sua profissão. (F. Rosenberg e E. Piza, 1994, p. 216)

Nos diferentes autores citados no capítulo anterior, como precursores da Literatura Infantil, tanto fora como no Brasil, a figura feminina não foge muito dos padrões limitados que já conhecemos. É a Cinderela que tem a sua vida transformada graças ao príncipe que se apaixona por ela, a Pequena Sereia que vive condenada a fortes dores como castigo por ter se apaixonado pelo príncipe e assim a nossa representação foi sendo construída historicamente por meio da literatura destinada às meninas. Diferentes possibilidades quase nunca foram exploradas, contribuindo para que pensamentos machistas fossem reforçados socialmente.

Em tempos, quando lutamos e discutimos cada vez mais formas de superar o machismo enraizado na sociedade, é preciso apresentar à nova geração uma nova página de igualdade. Pensar a produção literária infantil, que não limite a menina, é fundamental para contribuir dentro desse processo. Não cabe mais lotar as livrarias somente com princesas e suas vidas que giram em torno da maternidade e da responsabilidade pela felicidade do príncipe. Nossas meninas precisam de referências

que lhes mostrem que há muito mais no mundo do que reinos encantados de personagens femininas perfeitas.

E não, não lhes cabem ser perfeitas, ninguém é! Não precisam competir em frente ao espelho para saber quem mais é dotada de beleza, afinal, existem diferentes tipos e elas não precisam ser, necessariamente, magras, altas, brancas e com um belo par de olhos azuis. Fato que é quase majoritariamente reforçado dentre as inúmeras fábulas destinadas às meninas. É justamente esse cenário reservado para as meninas que cabe uma reavaliação, já que os livros são as suas primeiras referências de realidade fora do seu ambiente de convívio.

São esses livros que estão nas mãos de crianças e jovens e formam leitores, e mais do que isso, sinalizam para condutas, comportamentos e pensares. Alguns deles estimulam, por vezes, reflexões, potencializam atos de ser, outros param na simples exposição, outros, ainda, deixam perceber preconceitos e fossilizações. Muitos trazem representações de meninas agarradas à domesticidade e ao espaço privado, definidas pela tecnologia de gênero e engendradas nas relações sociais, em que parece não haver espaço para mudanças e escolhas. Outras deixam entrever modulações e deslizamentos, levando, ao menos, a uma desestabilização das condutas fossilizadas." (GENS, 2005, p. 59)

O cenário da literatura para meninas se demonstra ainda mais segregador quando se trata da representação da criança negra em suas histórias. Com passagem praticamente inexistente entre as personagens, quando eram representadas quase sempre em figura adulta, limitavam-se a lugares como a cozinha ou como a “criada” que cuidava dos filhos do patrão. Se às meninas brancas cabia o papel de princesas, às negras nem isso era permitido, já que nunca eram representadas nas ilustrações e, posteriormente, nos outros formatos de produção artística. Cabia, então, à menina negra, a autocrítica esmagadora e o descontentamento por suas características, que em nada eram semelhantes ao “belo” retratado pelas princesas dos famosos autores dos contos de fadas.

O cuidado em retratar a diversidade não parecia estar presente no imaginário dos autores brasileiros, visto que tinham em mãos uma arma tão poderosa como a escrita e que sabiam do poder que lhe era conferido, mas não utilizavam com a preocupação social que lhe era devida.

Se levarmos em conta que a literatura infantil tem o poder de facilmente disseminar conceitos e padrões sobre as crianças, são lamentáveis as narrativas que vêm sendo reproduzidas ao longo da nossa história. Temos então dois pontos cruciais e que atingem as meninas

severamente por meio da literatura pensada para elas: o primeiro as limitam a um ideal de perfeição, baseado em ideias machistas sobre a posição social da mulher. O segundo lhe exclui e lhe nega a partir de uma perspectiva racista que supõe que o belo se restringe a etnia branca retratada por suas princesas:

Integrando componentes de subordinação racial, meninas negras praticamente inexistem na literatura infanto-juvenil desse período, nem como protagonistas, nem como coadjuvantes da ação. Algumas personagens mulheres negras adultas hipertrofiaram a função de cuidar do branco. E só com a entrada do realismo (final da década de 60) na literatura infanto-juvenil brasileira que algumas narrativas se constroem em torno de protagonistas negros." (ROSEMBERG e PIZA, 1994, p. 217)

Monteiro Lobato, citado no capítulo anterior, apesar de ter revolucionado a produção literária infantil, teve em sua obra marcas bem claras de um racismo cruel enraizado na sociedade brasileira. Sempre retratando a Tia Nastácia, responsável pelos quitutes do Sítio do Pica Pau Amarelo, como “a negra”, à sombra da Dona Benta, Tia Nastácia nunca foi representada com prestígio, mas como uma funcionária, figura a parte dentro da família branca da fazenda. Uma representação não muito distante do reflexo dos traços ainda deixados pela mentalidade escravocrata imprimida na sociedade brasileira.

São dois lados da moeda que revelam o quanto as ideias contidas nas entrelinhas das histórias “para meninas” podem além de ditar comportamentos, ocultar a diversidade presente entre as crianças. Não se trata apenas de lutar por uma produção renovada e livre de ideias machistas ocultas atrás dos reinos encantados. Mas, de também permitir que meninas negras passem a ocupar um lugar de fala nessas produções, que possam ter referências literárias, podendo se enxergar entre os livros que lhes são apresentados.

As meninas muito mais que aos meninos, sofrem porque a intervenção social do feminino está intimamente ligada a um conjunto de signos que as indústrias se apropriam para incentivar o consumo de roupas e objetos patenteados pela mídia, sobretudo a televisão. por meio de atores famosos, filmes e desenho animado de empresas mundialmente conhecidas. Tudo isso reforça uma concepção de mundo e de cultura na qual a criança negra não se encaixa." (COSTA E SILVA, 2012, p. 96)

O caminho para a desconstrução dessas ideias racistas e sexistas tem sido desbravado por mulheres escritoras que despertaram para essa lacuna na literatura infantil brasileira. Não é tão fácil de encontrar os seus livros em destaque nas livrarias ou nos planos das escolas, mas somente o fato de existirem, em maior número do que décadas atrás, já alimenta a esperança de melhoria para o que está por vir. Dentre elas, estão autoras negras que, com toda sensibilidade, retratam contos africanos para as crianças em seus contos. Não mais com o foco exclusivo no mundo ideal e encantado da princesa branca, mas na vida real de meninos e meninas negras em suas diferentes possibilidades de serem representados.

São elas: Heloísa Pires com *Histórias da Preta*, *A Cor da Ternura* de Geni Guimarães, Tayó de Kiusam de Oliveira de *O Mundo No Black Power*, a baiana Maria Gal autora de *A Bailarina e a Bolha de Sabão*, Sônia Junqueira com *A Menina e o Tambor*, Marta Rodrigues com *Gabriela - A Princesa de Daomé* – em uma perspectiva real e que foge do convencional contos de princesas –, Lindara de Sonia Rosa, entre tantas outras autoras, que tentam trazer referências para as meninas negras dentro da literatura infantil. A importância dessa consciência na literatura é fundamental para que cada vez mais as meninas tenham diferentes possibilidades.

Somado a essa onda de transformação na literatura produzida para meninas e sob a nova perspectiva de desvencilhar a ideia engessada de que a elas cabe apenas sonhar em ser princesa, surge um novo movimento: o das antiprincesas. Lançado em 2016 pela editora argentina Chirimbote e reproduzida no Brasil pela Editora Sur, a coleção Antiprincesas é assinada pela jornalista argentina Nadia Fink e ilustrada por seu conterrâneo Pitu Súa. O objetivo é muito claro: ao invés das costumeiras histórias de princesas irreais, contar as meninas histórias de mulheres que tiveram um papel relevante na sociedade com seus diferentes talentos e nacionalidades.

Em suas edições a Coleção Antiprincesas já trouxe as histórias da artista mexicana Frida Khalo, da cantora chilena Violeta Parra, da ucraniana naturalizada brasileira e grande escritora Clarice Lispector, e da boliviana de origem indígena, Juana Azurduy, que lutou em linha de frente pela libertação da América do Sul da mão dos espanhóis. Histórias reais de mulheres que traçaram o seu próprio destino, fugindo dos padrões impostos pela sociedade de sua época e longe de uma representação idealizada de “beleza perfeita”. A Coleção Antiprincesas se apresenta como um marco dentro dessa luta tão atual e necessária para a libertação de tantas mulheres que ainda são cativas de uma educação que as oprime e lhe negam o direito de serem e agirem como simplesmente desejam.

É fundamental que esse movimento seja endossado com mais produções que apresentem meninas em diferentes contextos e profissões. Se à literatura cabe o papel de auxiliar na percepção de mundo da criança, que seja utilizada para demonstrar com toda a sua ludicidade que há muito mais para elas do que serem princesas. E que sim, elas podem, caso queiram, assim o ser. Mas, podem explorar outros universos, podem ser engenheiras, marinheiras, advogadas, atletas e quão grandes referências de atletas brasileiras não temos para inspirar nossas meninas. Que a essas histórias de mulheres reais, donas de si e provedoras da sua jornada sejam escritas contadas, apresentadas para as meninas. Somente assim, poderão ser representadas em suas individualidades e sem exclusão.

3. O Produto

3.1. Construção da Ideia de Livro Infantil

O caminho de construção da ideia de livro infantil foi longo. Como boa parte dos estudantes, eu tinha uma infinidade de temas do quais gostaria de tratar, porém me faltava um direcionamento exato. As primeiras conversas de orientação com a professora Carla Risso foram essenciais para afunilar esse leque de ideias que tinha em mente. Eu sabia que queria tratar a questão do esporte, por ter amigos meus envolvidos na área e sempre ouvir suas histórias de luta. Sempre tive curiosidade em saber o que movia essas pessoas a persistirem, mesmo diante de um cenário tão contrário como o da Bahia.

A falta de incentivo, de ambiente apropriado para os treinos, a dificuldade em estar nas competições, todos esses assuntos sempre foram apontados como chave para que muitos atletas em potencial desistissem no meio do percurso. A questão é que muitos desses nomes tinham e têm potencial para participar de grandes competições, porém, devido às dificuldades, nunca chegaram lá. Na primeira conversa com a professora Carla, apresentei a ela essa realidade e a minha ideia de construção de site e redes sociais que contassem a história de diversos atletas baianos e a sua trajetória de superação no esporte.

Queria de alguma forma dar voz a esses “heróis ocultos” na sociedade e conseguir chamar a atenção para as mudanças sociais que o esporte pode provocar na vida dos seus adeptos. De imediato a professora percebeu que o trabalho era extenso para ser realizado apenas por mim. Muito possivelmente, não teria condições em apenas um semestre de realizar entrevistas, filmar, editar, gerenciar redes sociais e cuidar da divulgação. Foi então que começamos a pensar em outras possibilidades dentro do segmento esportivo. Levantamos as possibilidades que se encaixariam na minha realidade de tempo e gerenciamento.

Chegamos então à ideia de livro como forma de conservar a memória desses atletas. Porém, ainda assim, faltava um recorte mais específico para ser trabalhado. Precisávamos definir o tipo de livro, público, quantidade de atletas a serem entrevistados e o segmento esportivo. Conversamos muito e chegamos à ideia de produzir um livro infantil, que pudesse retratar a história desses atletas para as crianças, como forma de inspirá-las com histórias reais e que dificilmente teriam acesso pelas mídias convencionais.

Escrever para crianças, ao mesmo tempo que se demonstrou um desafio, trouxe também a oportunidade de servir a um público do qual sempre me identifiquei por meio de atividades

voluntárias. Vivenciei o trabalho voluntário com educação infantil, no Ministério Infantil da Igreja Batista Missionária da Independência (IBMI), localizada no bairro de Nazaré, em Salvador. A experiência de desenvolver planos de aulas, atividades dirigidas e de contar histórias, com certeza, contribuíram para que eu já conhecesse um pouco do público para o qual estaria escrevendo.

Somei também a experiência que tive no contato com crianças no GACC (Grupo de Apoio à Criança com Câncer) por meio do programa *Onda Digital* da UFBA, no qual desenvolvíamos junto às crianças, em processo de tratamento, atividades direcionadas com o uso de computadores. A proposta do *Onda Digital* é poder auxiliar essas crianças no contato com o digital com o uso de atividades lúdicas. Apesar de ter sido uma passagem rápida (apenas um semestre), considero como uma experiência enriquecedora e que de certa forma me auxiliou durante a construção do projeto.

Produzir um livro infantil, então, se tornou além de um Trabalho de Conclusão de Curso, mais uma oportunidade de contribuir com essas crianças. Acredito na produção científica com relevância social e não limitada apenas às paredes da universidade. Por esse motivo, optei por um produto e queria a oportunidade de devolver, de certa forma, para a sociedade o que aprendi ao longo do curso. Escrever um livro infantil foi a forma que encontrei e que mais se identificou com as experiências profissionais que tenho desenvolvido como produtora de conteúdo em uma agência de publicidade e propaganda.

Dessa forma, uni três universos com os quais me identifico e que me traria prazer em desenvolver um produto: crianças, escrita e literatura. Definido o propósito do produto, começamos a traçar as próximas ações. A minha ideia inicial era contar a história de cinco atletas baianos de diferentes idades e segmentos esportivos. Porém, conforme o tempo foi passando, percebemos que relatar diversas histórias poderia gerar uma série de dificuldades como: encontrar os atletas, conseguir conciliar meus horários de trabalho com o disponível por eles para entrevistas, além de conseguir compilar essas histórias de uma maneira que não ficasse extensa para crianças.

Percebemos então que o ideal era trabalhar com apenas um segmento esportivo e apenas um atleta. No início foi difícil aceitar essa ideia, já que pretendia realizar um trabalho com uma dimensão maior. Mas em conversas com a professora Carla, consegui compreender que era o melhor a ser feito diante da realidade que tínhamos. Definido a quantidade de histórias precisávamos escolher o público para o qual falaríamos e assim utilizar a linguagem adequada

para a faixa etária. Apesar do trabalho voluntário com crianças, precisava de uma visão profissional para compreender como escolher esse público.

Durante esse processo de escolha do público, foi essencial o auxílio da psicopedagoga Vanessa Rosa. Ela me apresentou referências bibliográficas e me ajudou a compreender para quem eu gostaria de falar, o que foi fundamental para o desenvolvimento do projeto. Em conversas com a Vanessa, percebi que gostaria de escrever para crianças já familiarizadas com a leitura. Dessa forma, elas próprias poderiam manusear o livro e ler ao seu tempo, fato que não dispensa de forma alguma a também ajuda de um adulto.

Vanessa, então, me indicou que o melhor seria trabalhar com crianças nesse processo de alfabetização, entre seis e sete anos, quando já estão se familiarizando com os livros e arriscando ler sozinhas. Nesse momento, ela me indicou o livro “Lendo e Formando Leitores” do Instituto Ayrton Sena e que retrata esse processo de inserção da criança no mundo da leitura. Foi a minha primeira referência bibliográfica e porta de entrada para que eu começasse a me aprofundar no conhecimento da produção literária infantil.

O primeiro passo era entender como escrever para crianças, já que, até então, era uma experiência nova para mim. Contar histórias, o que eu já havia feito até então, é bem diferente de escrever histórias para crianças. Por esse motivo, precisei buscar referências de características da produção literária infantil. A primeira ação foi visitar a sessão infantil de livrarias e conhecer as especificidades dos livros. Detalhes como tamanho, quantidade de páginas, ilustração, só foram possíveis de serem percebidos através do trabalho de observação.

Percebi que não poderia escrever um livro de trinta, quarenta páginas, pois crianças da faixa etária que escolhi não leem livros tão extensos. Outro ponto é que o livro precisaria ser ilustrado, já que a ilustração é um dos quesitos principais para o livro infantil. Utilizei vários autores nesse processo de conhecimento sobre produção literária para crianças, dentre eles, destaco o livro “Literatura Infantil - Voz da Criança” de Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira que relatam sobre a construção de um personagem dentro de um livro infantil, assim como a função pedagógica e do diálogo nessas obras.

Outros autores também foram necessários nesse processo de construção do produto, posso citar aqui Richard Bamberger em “Como Incentivar o Hábito da Leitura” e a “A Criança e o Livro”, de Laura Sandroni e Luiz Machado. Essas obras me fizeram compreender a importância da leitura e as diferentes relações que as crianças estabelecem com elas a

dependem da idade e assunto a ser trabalhado. Sem essas pesquisas e referências teria sido ainda mais difícil produzir um livro desse gênero.

O enredo do livro foi elaborado com base no roteiro de entrevista realizado com a atleta escolhida e que irei descrever melhor no próximo capítulo. A partir dos pontos tratados por ela, construí uma linha para a história que queria contar, levando em conta as principais experiências relatadas pela atleta. O objetivo é que a criança possa se identificar com os desafios e situações comuns vivenciados pela atleta, além de lhe encorajar a partir de uma história de vida real.

Precisávamos ainda escolher um título para o livro, queria muito trazer a questão do pódio, já que é o alvo principal na vida do atleta. Em mais uma reunião com a professora, pesquisamos o significado da palavra, porém não encontramos nada que cooperasse para um bom título. Foi então que Carla levantou a questão do lema olímpico, originalmente "Citius, Altius, Fortius" em português "Mais rápido, mais alto, mais forte". Percebemos que se encaixava totalmente no que eu queria demonstrar através das páginas do livro.

A história que a televisão e a internet não conhecem, mas de uma atleta que foi mais rápida, mais forte, e que, por conta de fatores que fogem do seu controle, não chegou a ir mais alto em uma Olimpíada. A ideia que o livro pretende passar é que é possível ir mais alto, mesmo com todas as limitações que surgem no caminho. Porém, durante a trajetória, novas oportunidades e formas de realizar os sonhos podem aparecer, assim como foi para a personagem. Decidimos atrelar a personagem à ideia de heroína e, então, chegamos ao nome final: *Mais Rápido, Mais Alto, Mais Forte: O Conto da Heroína que não foi Contado*.

Dessa forma, o complemento título já traz uma pista do que o leitor encontrará em suas páginas. O intuito é despertar a curiosidade da criança em querer descobrir que conto de heroína é esse que ainda não a contaram. Diferente dos heróis tão conhecidos dos desenhos e filmes animados, essa vem de uma história real e possui o "super poder" de vencer os seus limites e alcançar pódios Brasil a fora. Fugimos assim da vertente de histórias de princesas sempre destinadas para meninas e com um perfil doutrinário muito claro.

Por esse motivo, a personagem da história sempre se vê de diferentes formas. O objetivo é demonstrar para as meninas que há infinitas possibilidades para elas. Ou seja, não precisam se limitar apenas ao "ser princesa", nem tão pouco se apegar a ideia de perfeição passada pelas personagens femininas nos contos. O livro quer trazer para as meninas mais uma

referência que as estimule desde a infância a acreditarem nos seus sonhos e superarem situações complicadas, como a cena de preconceito vivenciada pela personagem.

3.2. Escolha da Personagem

O primeiro passo para construir a personagem foi conhecer mais a fundo a história da atleta, com quem já mantinha uma relação de proximidade. Apesar de nos conhecermos há mais de sete anos, até então não tinha ido a uma competição sua ou buscado compreender a fundo a sua relação com o esporte. Thaís Souza de Jesus tem vinte e cinco anos e desde os sete anos de idade pratica natação. Já sabia do seu potencial e o quanto era respeitada por sua trajetória na natação, mas ainda era muito raso para escrever um livro baseado em sua vida no esporte.

Decidi então realizar uma entrevista, de forma que conseguisse colher informações relevantes e em uma ordem cronológica que me desse conteúdo para redigir o livro. Tentamos por algumas vezes que a entrevista fosse feita presencialmente, porém, os nossos horários opostos de trabalho acabaram dificultando. Por fim, optei por uma reunião online, por meio de um aplicativo de chamada de vídeo. Para que a entrevista rendesse conteúdo suficiente para me direcionar no texto do livro infantil, montei um roteiro de entrevistas com perguntas que auxiliassem a contar a sua história e principais experiências.

A entrevista teve em torno de 20 perguntas e durou cerca de duas horas. O resultado me permitiu ter uma visão mais clara sobre como se deu a inserção da Thaís no esporte e suas principais conquistas. Um fato que chamou minha atenção é que a natação não chegou a sua vida como uma atividade física. Mas sim, como uma recomendação médica que, posteriormente, iria revelar o seu maior talento. Decidimos então, que esse seria um dos pontos trabalhados para as crianças no livro, demonstrando a natação como um escape para os problemas da personagem.

Outro ponto que contribuiu para que a história da Thaís servisse de inspiração para a personagem foi a questão da representatividade. Thaís é uma mulher negra e que vem de uma realidade de luta para manter-se no esporte. Poder de inspirar outras crianças negras com uma história real, sem dúvida, é uma ideia que me despertou entusiasmo. Além de fugir do princípio princesa, fugi também da ideia de heroínas brancas, que durante muito tempo foram as únicas referências e em nada representavam as crianças negras.

Como mulher negra, sei como a falta de representatividade afeta com maior agressividade as meninas. Seja pela ausência de referências que remetam às suas características ou fatores que vão além desse ponto, encontrar referências negras em desenhos animados e livros nunca foi algo fácil, principalmente para uma criança da década de 90, como no meu caso. Poder contribuir, por mínimo que seja, para que essa onda de conscientização, por meio das artes e produção literária, contemple essa causa é um dos pontos que justificam a escolha da atleta para inspiração da personagem.

Evidentemente que algumas adaptações foram feitas para a construção da personagem. Nesse processo, contei com a ajuda da designer Thaís Santos, que fez toda a parte de programação visual do trabalho. Para auxiliá-la no processo de desenvolvimento gráfico da personagem, compartilhei algumas fotos do arquivo pessoal da atleta que pudessem servir como referência para o desenvolvimento estético. A ideia era retratá-la, na maioria das vezes, tendo como cenário principal o ginásio onde praticava os treinos e sempre mergulhada em seus sonhos de chegar à Olimpíada.

No início busquei outras relações de nomes que pudessem substituir o nome original da atleta. Porém, vi que não fazia muito sentido, visto que a proposta do trabalho é de, justamente, divulgar uma história de vida real. Por esse motivo, os personagens secundários também foram preservados, como a quantidade de membros da família da personagem e seu técnico. O objetivo era que a personagem fosse retratada com maior fidelidade possível a sua história. Sem abandonar, é claro, o seu lado lúdico e do universo de fantasia que cabe a infância.

Dessa forma, a personagem do livro também vivencia momentos que remetem a histórias compartilhadas pela atleta durante a entrevista. A personagem se sobressai ao irmão mais velho, que também iniciou junto com ela, porém não tinha o mesmo potencial para competições. A intenção era passar para as meninas que a sua capacidade não é definida por seu gênero e que, assim como a personagem, podem ter seus sonhos alcançados. Nesse ponto, a Thaís personagem é exatamente como a Thaís atleta, uma menina confiante, determinada e que, desde as primeiras páginas, sabe muito bem onde quer chegar.

A relação de admiração da atleta com a sua principal referência no esporte, Michael Phelps, também é demonstrada pela personagem. Algumas situações foram acrescentadas, como a cena em que ela escreve para o atleta, com o intuito de aguçar ainda mais a imaginação da criança durante a leitura. A personagem também vivencia situações complicadas, o que demonstra para as crianças que problemas do dia-a-dia são enfrentados por todos e que

podem ser superados. A ideia é que os leitores possam se identificar com os dilemas da personagem e que, de certa forma, a história da pequena atleta os inspire.

Optei por também trazer para a personagem uma página mais emblemática no livro. Em conversa com a professora Carla, ao decidirmos quais pontos da sua história eram importantes serem destacados, optamos por representar a cena da lembrança de primeira discriminação sofrida pela atleta em uma competição por conta da cor da sua pele. Considero importante que os livros infantis, além de reforçarem o imaginário e mundo fantasioso, também tragam questões sociais que são enfrentadas por muitos grupos da sociedade.

O processo de construção da ideia de igualdade e respeito às diferenças do outro precisam ser semeadas desde a infância. Dessa forma, contribuímos para que as crianças tornem-se adultos preparados para conviver com a diversidade e também combater atitudes preconceituosas. É dessa forma que a personagem foi pensada e construída para o livro, com o objetivo de plantar nas crianças, através do lúdico, sementes de conscientização para a sua caminhada e relação com o próximo.

3.3. O Conceito Visual

Desde o início sabia que seria impossível produzir um livro infantil sem ilustração. Como cito no capítulo referente a importância da ilustração para a criança, a ilustração exerce diferentes funções dentro do livro e é a principal “chamada” para atrair a atenção e expectativa da criança durante a leitura. Apesar de durante o curso ter realizado a disciplina de Programação Visual com a professora Carla, não possuía os conhecimentos necessários que me permitissem realizar um trabalho de ilustração exigido em um livro infantil.

Por esse motivo, optei por ter o auxílio de uma designer para desenvolver o conceito visual do meu produto. Thaís Santos é formada em Design Gráfico pela Unijorge e jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UFBA (FACOM). Thaís foi minha colega durante o período em que cursou jornalismo na Facom, já conhecia um pouco do seu trabalho como designer e desde o início sabia que gostaria de ter o meu produto ilustrado por ela. Não só por questões de proximidade, mas por saber do seu potencial e também pelo fato de ser mais uma mulher agregando na construção do projeto.

Acredito que se nos fortalecermos e nos incentivarmos juntas, já cooperamos para que a onda de sororidade seja repassada. Nesse processo de convite para a Thaís, me deparei com a

nossa primeira dificuldade: Thaís não é ilustradora e nunca antes havia ilustrado um livro infantil. Ou seja, seria uma experiência totalmente nova para ela enquanto profissional, assim como foi para mim a produção do livro. Apesar de todos os prós e contras que levantamos, seguimos desenhando as primeiras ideias do que eu gostaria que fosse retratado no livro.

Decidimos que primeiro a Thaís se concentraria em desenvolver a personagem da atleta. Para isso, recolhi imagens de competições em diferentes fases da vida da atleta que pudessem inspirar a Thaís e também fazer com que as características fossem retratadas com maior proximidade com as da personagem. Os personagens da família optamos para que ela tivesse maior liberdade para produzir, contanto que representasse todos os membros que faziam parte: pai, mãe e irmão mais velho.

Antes de escrever o texto final do livro, fiz pequenos levantamentos do que a ilustração precisaria conter. Como já disse, a Thaís não é uma ilustradora, portanto também foi um processo de aprendizado para ela. Por isso, achamos melhor desenharmos todas as cenas que gostaríamos de retratar através da ilustração. Sendo assim, após desenvolvida a boneca da personagem principal, o nosso próximo passo foi delimitar em quais ambientes a atleta estaria, dessa forma, a Thaís teria um melhor direcionamento para diagramar a história.

Durante esse processo de criação, mantivemos contato por e-mail, reuniões online e também presencial. Dessa forma, fomos discutindo e desenvolvendo de forma conjunta as etapas da criação. Eu fornecia ideias e referências e a Thaís transformava elas em material para a ilustração do livro. Preciso dizer o quanto essa experiência foi significativa para nós, além do processo de aprendizado, conseguimos desenvolver habilidades que até antes de iniciarmos não sabíamos que poderíamos fazer. Esse é um dos pontos em que o produto enriquece a formação profissional do estudante.

No processo de ilustração a Thaís optou por adaptar arquivos disponíveis gratuitamente através do site Freepik. O site disponibiliza vetores que foram utilizados para a personalização dos personagens retratados no livro. Na construção dos ambientes e paisagens foram utilizadas técnicas de Flat Design, como aplicação de sombras e cores chapadas. Os elementos do desenho foram representados de maneira minimalista com o objetivo de dar o foco principal a personagem e a situação da cena descrita em si.

Definimos que as páginas do livro não poderiam passar a faixa de vinte páginas por conta da faixa etária a qual ele se destina. Nesse processo a Thaís teve um pouco de dificuldade de buscar uma forma de ilustrar e compor o texto nas páginas de forma que não extrapolasse o

número que tínhamos como base. Apesar da dificuldade, conseguimos encontrar formas de representar a história de forma clara, objetiva e que complementasse o texto escrito.

Em nossa última reunião presencial foi no dia 15 de junho na qual acertamos os últimos ajustes que seriam necessários para a conclusão da ilustração. Juntamente com a Thaís, visitamos uma feira de livros infantis que estava acontecendo no Shopping Bela Vista e posteriormente visitamos a sessão infantil da Livraria Leitura também. Fomos buscar algumas referências que pudessem agregar ao que já estava sendo produzido pela Thaís. Acredito que essa última reunião e pesquisa que fizemos foi fundamental para a conclusão das ideias do livro.

Concordamos que o livro teria o tamanho 24 x 24 utilizando fonte Give You What You Like no tamanho 25/26. Além disso, deixamos a produção da capa por último, na tentativa de podermos aproveitar alguma cena interna para ilustrar o início. Por fim, todo o processo desde os primeiros desenhos manuais em busca de uma personalização para a história, fizeram parte do processo de produção do livro infantil. Foi a etapa em que sentimos maior dificuldade para produzir, porém, através das pesquisas e referências que buscamos, chegamos ao resultado final da ilustração. Representando a simplicidade do imaginário infantil com uma dose de ludicidade

4. Considerações Finais

Ao chegar ao final da produção desse livro, percebo que ele foi muito além do que um trabalho de conclusão de curso. Quando comecei a sondar possibilidades de temas para a fase final da graduação, estava apenas focada na conclusão dessa etapa da minha vida acadêmica. Porém, todo o percurso percorrido para que hoje ele estivesse pronto, foi me fazendo perceber que este seria muito mais do que um produto de graduação. Coincidentemente, o que eu havia desejado durante todos esse anos de faculdade aconteceu: realizar um trabalho relevante e que me despertasse prazer.

O “Mais rápido, mais alto, mais forte: o conto da heroína que não foi contado” é uma semente diante de uma plantação imensa em busca de representatividade para as meninas em nossa sociedade, sobretudo as meninas negras. E como o objetivo de toda semente, desejo que ele alcance terras férteis e que possa frutificar ao seu tempo. Se o livro marcar uma criança que

seja ao ser lido, ele já terá cumprido o seu papel. Pois é praticamente impossível permanecer o mesmo depois de ler algo que lhe toca.

Produzir um livro infantil, no começo, me pareceu uma ideia que fugia da minha capacidade, habituada apenas com os artigos ao longo da vida acadêmica e, posteriormente, a redação publicitária. O produto me desafiou, me realizou o sonho antigo de criança que inventava histórias no caderno. Me fez gerenciar uma equipe, embora pequena, para que ele fosse possível. Acima de todas as buscas por referenciais teóricos, conceito visual e afins, fez com que a minha percepção sobre o quanto ainda é necessário ser feito e discutido em prol do empoderamento feminino, fosse ampliada.

Antes me julgava desconstruída, após essa imersão na história da Literatura Infantil e a sua produção para as meninas, vejo o quanto essa desconstrução precisa ser diária. O livro é uma tentativa de produzir um material que fuja da linguagem muitas vezes restritas dos periódicos acadêmicos. Como comunicólogos, podemos tanto, porque nos limitarmos e segregarmos o que aprendemos durante a graduação? Pensar e produzir comunicação é, justamente, ultrapassar as barreiras dos padrões através da criatividade, conscientização e democratização.

Me sinto realizada em ter conseguido por em prática habilidades que alcancei ao longo do curso e também por aquelas que nem sabia que tinha, mas que foram despertadas agora. Sem dúvida, ter reunido mulheres para a produção do livro, fez com que todo o processo fizesse ainda mais sentido e se tornasse um aprendizado mútuo. Um livro pensado, escrito, ilustrado e analisado por mulheres. O desejo é que ele sirva como representatividade para as meninas, que elas possam começar a compreender que nada lhes é proibido ou impossibilitado por conta do seu gênero.

Espero que o produto possa servir como estímulo para futuras produções voltadas para o público infantil. É muito comum que pensemos em escrever, fotografar e produzir com foco na conscientização das mulheres adultas. Porém, quanto mais cedo semeamos a igualdade, maior será a colheita e maiores serão os impactos em nossa sociedade. O livro traz a oportunidade não só de contato da criança com questões que estão constantemente em pauta. Mas também poderá servir como material para que o adulto possa trabalhar questões de gênero e raciais com a criança.

Por fim, produzir um livro infantil me permitiu vivenciar todas as etapas que envolvem uma publicação desta espécie. Lidei com os desafios, vivenciei um pouco do jornalismo, fui

redatora, diretora de arte, o que só confirma o quanto o campo da comunicação é dinâmico e propício para o constante aprendizado. Além disso, poder concluir o curso com um trabalho que me identifiquei desde as primeiras pesquisas, sem dúvida, foi o pilar para que as dificuldades fossem superadas e ele fosse concluído.

Não foi fácil, mas gostar do que estava produzindo foi essencial para dar continuidade e me dedicar nos longos meses que sucederam o seu desenvolvimento. Terminei o livro muito orgulhosa do resultado final. Espero que esse seja só o primeiro de uma coleção de contos de heróis e heroínas que ainda não foram contados às crianças. Sem dúvida, a produção literária infantil me conquistou e não quero parar por aqui, há muito a ser escrito para esse público e o meu desejo é continuar contribuindo, seja com um próximo livro ou quem sabe até uma revista. O pontapé já foi dado, agora é prosseguir conhecendo e escrevendo.

5. Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S. A, 1981.

ANTUNES, Walda de Andrade. Lendo e Formando Leitores. São Paulo: Global, 2015.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. IASP/CEDCA. Impresso na Imprensa Oficial do Estado. Curitiba – Paraná – fevereiro de 2006.

BRASIL, Emenda Constitucional nº 65, 2010, art. 2º

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia e PIZA, Edith. As Meninas na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 02 set/dez 1995. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/20524/14630>> Acessado em 28 jun. 2018

LUSTOSA. José Voste Júnior. Ao Povo e ao Governo: o Ideário Educaional do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova no Brasil. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idins_crito_8_f6dc1b892a8cacc6eb8fcaf8a94bdd72.pdf> Acessado em 28 jun. 2018

SILVA, Luciene Costa e. Meninas Negras na Literatura Infantojuvenil: escritoras negras contam outra história. 2012 (Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/11114/1/2012_LucileneCostaeSilva.pdf> Acessado em 28 jun. 2018

GENS, Rosa. Menina ou Menino: gênero na literatura para crianças e jovens. Revista Fórum Identidades, vol 04 jul/dez 2008. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1809/1595>> Acessado em 28 de jun. 2018

COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil e Juvenil. São Paulo: Ática S. A, 1991.

DEMECH, Flaviana e SANTOS, Jane K. F. O Cotidiano das Crianças e Adolescentes no Brasil e as (CO) Relações com as Causas da Criminalidade entre os Adolescentes do Município de Foz do Iguaçu. Pleiade vol. 11, jan/jun 2017. Disponível em: <<http://revista.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/viewFile/334/294>> Acessado em 28 de jun. 2018

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

GOELLNER, S.V. Gênero, Educação Física e esportes. In. VOTRE, Sebastião (org). Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

GOELLNER, S. V. Mulher e Esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática vol. 8, jan/jun 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87003/000704815.pdf?sequence=1>> Acesso em 28 jun. 2018

MOURÃO, Ludmila. A representação social da mulher na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização, 1998 (Tese de Doutorado). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

MARX, Karl. O Capital. São Paulo. Difel, 1988.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa D. Literatura Infantil, Voz de Criança. São Paulo: Ática S. A, 1986.

SANDRONI, Laura C. & MACHADO, Luiz Raul. A Criança e o Livro. São Paulo: Ática S. A, 1998.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira - histórias & histórias. São Paulo. Ática, 1984

6. Anexos

Roteiro de Entrevista

1. **Nome da Atleta:** Thaís Souza de Jesus

2. **Idade:** 25

3. **Data da entrevista:**04/05/2018

4. **Com quantos anos iniciou a vida esportiva?**

Iniciei aos 7 anos no clube dos oficiais, localizado na Cidade Baixa

5. **Quem lhe incentivou/apresentou o esporte?**

Comecei por recomendação médica, pois na infância sofria com a asma. O médico incentivou para que as crises fossem controladas.

6. **Sempre houve o interesse por natação ou aconteceu após o ingresso no esporte?**

No começo era apenas por conta da questão da saúde. Mas em 2002, quando comecei a nadar na antiga piscina olímpica da fonte nova, o desejo de competir aumentou. Meu primeiro professor de natação viu potencial e me indicou a sudesb, por ter equipe técnica. Além disso era um projeto gratuito. Logo depois, o técnico da equipe me viu nadando, convidou pra fazer um teste e passei de primeira.

7. **Era uma prática de livre e espontânea vontade ou tinha uma pressão dos pais?**

Sempre foi de livre e espontânea vontade.

8. **Com que idade começou a competir?**

Minha primeira competição foi com 12 anos no campeonato baiano. Lembro que fiquei muito nervosa, porque o técnico me colocou para nadar nadar 400 livres. Eu nunca tinha nadado essa prova antes. Mas o resultado foi bom e saí com 3 medalhas nesse dia.

9. **Como eram as rotinas de treino? Via como uma brincadeira ou sabia a responsabilidade que carregava?**

Eu treinava todos os dias, os treinos duravam cerca de 3hs. Sabia da responsabilidade que tinha e treinava forte porque queria chegar a ser a melhor da Bahia e do Brasil.

10. Quais as lembranças mais marcantes desse tempo? Tem alguma história curiosa ou engraçada que queira contar?

São muitas histórias, mas poder ter compartilhado de momentos de treino com a Ana Marcela, com certeza foi muito bom. Nós treinávamos na mesma raia e desenvolvemos uma amizade além da piscina. Lembro que nós duas estabelecemos o recorde no norte e nordeste na competição Valter Figueiredo no 4x50 livre feminino e 4x50 medley feminino, isso foi em 2006.

11. Como era o relacionamento com os atletas? E com os técnicos?

Era muito bom mesmo! Tinha o meu técnico como segundo pai.

12. Na época em que treinava, havia um número significativo de mulheres ou era um espaço predominantemente dominada por homens?

O número de competidores era equivalente, de professores da sudesb haviam muitas mulheres. Técnica nenhuma.

13. Já teve uma técnica ou sempre foram homens?

Nunca. Sempre foram homens.

14. Presenciou ou sofreu discriminação enquanto mulher?

Eu não percebia muito bem isso. Sempre nadei com homens, por ser muito forte, então era normal estar no meio deles. Mas lembro de ser chamada de “moleque macho” por conta do meu jeito.

15. Presenciou ou sofreu discriminação por ser negra?

Como eu disse, mais nova não conseguia perceber muito bem essas questões de preconceito e racismo. Mas lembro que em uma competição de 2005, umas atletas de Blumenau cochichavam e me olhavam com olhar de inferioridade, rindo de mim. Hoje acredito que era por ser uma das poucas negras ali.

16. Quais foram as competições que considera de maior importância na sua carreira?

O campeonato brasileiro de natação (2005) e travessia mar grande - Salvador (2006 e 2007).

17. Qual era o seu maior sonho como atleta?

O de toda atleta: Ir para as Olimpíadas! (risos)

18. Qual motivo a levou a parar de competir?

Foram muitos fatores. Comecei a dar aula e o meu tempo livre foi diminuindo. Na vida de uma atleta é preciso ter tempo e disciplina nos treinos, eu acabei não tendo mais espaço para isso. Também comecei a desenvolver alguns problemas na saúde que não me permitem mais me esforçar no nado como antes. Atualmente, só participo de competições amadoramente.

19. Como enxerga a situação do atleta de natação na Bahia? (patrocínio e etc.)

Depois que enterraram a piscina olímpica da Fonte Nova, os técnicos foram para fora, os atletas ficaram sem espaço para nadar. Hoje em dia regrediu por isso e a falta de apoio que ainda possuem.

20. Qual a importância do esporte durante a sua infância?

Fez toda a diferença na minha vida em todas as áreas. Aprendi a ter disciplina, responsabilidade e ser forte desde muito cedo.

21. Como gostaria que o cenário da natação baiana estivesse daqui há 10 anos?

Gostaria de ver mais atletas baianos em competições grandes do país, como Olimpíadas e mundiais.

22. Para você o que significa, enquanto atleta, ser “mais rápido, mais alto, mais forte?”

É muito difícil responder essa (risos)! Eu acredito que é você não desistir do pódio e sempre se superar a cada treino. Independente de ser reconhecida nacionalmente ou não.

23. Como enxerga o pódio hoje em dia?

Enxergo como um lugar de vitória e conquista de objetivos. Não por estar lutando contra um adversário, mas contra mim mesmo.

24. O que falaria hoje em dia para a Thaís atleta com 12 anos?

Para não desistir. Gosto de uma frase que diz: “penso, logo insisto” ou seja, se eu penso no pódio, longo insistirei nele. Diria pra mim isso aos 12 anos, para insistir no pódio, porque uma hora você sobe nele.